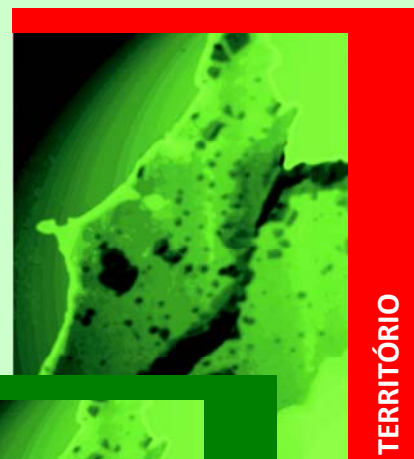
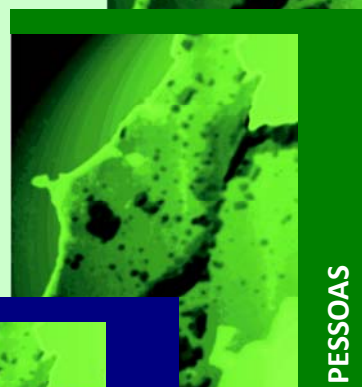


# REGIÃO DE LISBOA E VALE DO TEJO GESTÃO ESTRATÉGICA



TERRITÓRIO



PESSOAS



ORGANIZAÇÕES



## Sensores Indicadores de Mudança na RLVT

Outubro de 2004



Portugal em Acção



MINISTÉRIO DAS CIDADES, ADMINISTRAÇÃO LOCAL,  
HABITAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL



Comissão de Coordenação e Desenvolvimento  
Regional de Lisboa e Vale do Tejo



Programa Operacional  
da Região de Lisboa e Vale de Tejo



União Europeia  
Fundos Estruturais

# ÍNDICE

<b>A</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	3
<b>B</b>	<b>DOMÍNIO TERRITÓRIO</b>	5
	Nota Metodológica	6
	Sensores:	
	<b>A</b> - Expansão Residencial	7
	<b>B</b> - Consumo das Famílias	9
	<b>C</b> - Internacionalização	14
	Comentário Final	16
<b>C</b>	<b>DOMÍNIO PESSOAS</b>	17
	Nota Metodológica	18
	Sensores:	
	<b>A</b> - Desemprego	19
	<b>B</b> - Saúde	24
	Comentário Final	25
<b>D</b>	<b>DOMÍNIO ORGANIZAÇÕES</b>	
<b>D.1</b>	<b>SUB-DOMÍNIO COMPETITIVIDADE E INTERNACIONALIZAÇÃO</b>	27
	Nota Metodológica	28
	Sensores:	
	<b>A</b> - Expansão Empresarial	29
	<b>B</b> - Consumo Privado	31
	<b>C</b> - Emprego	33
	<b>D</b> - Comércio Internacional	35
	<b>E</b> - Investimento em Construção	38
	Comentário Final	40
<b>D.2</b>	<b>SUB-DOMÍNIO INOVAÇÃO</b>	42
	Nota Metodológica	43
	Sensores:	
	<b>A</b> - Netcabo	44
	<b>B</b> - TagusPark	46
	Comentário Final	47

## INTRODUÇÃO

A **metodologia dos sensores**, baseada na recolha, e respectivo tratamento, de dados obtidos em tempo quase real, constitui mais uma das metodologias seleccionadas para o projecto de Gestão Estratégica da RLVT.

Esta metodologia apoia-se em informadores privilegiados – pessoas ou organizações que estão no coração da mudança – que a todo o momento podem fornecer dados relevantes e específicos para esse efeito.

A informação que várias instituições privadas e organismos públicos têm acerca dos seus domínios de actuação, muitas vezes não trabalhada e não publicada, pode representar um bom instrumento de trabalho para o projecto de Gestão Estratégica da Região. Trata-se de informação mais fina e detalhada, do ponto de vista geográfico e sobretudo temporal, do que os dados estatísticos normalmente disponíveis. Essa informação é periodicamente facultada numa base trimestral ou semestral, permitindo identificar e acompanhar tendências dificilmente perceptíveis a partir das séries estatísticas convencionais. A CCDR-LVT estabeleceu com essas entidades protocolos de colaboração, de forma a assegurar a disponibilização continuada da informação em causa.

Esta metodologia recorre, ainda, a fontes estatísticas convencionais, oficiais ou não, desde que assegurem, igualmente, uma periodicidade trimestral ou semestral.

Independentemente da fonte utilizada, a informação recolhida e tratada procura averiguar as alterações e os desenvolvimentos ocorridos ao longo de cada ano, permitindo entender os fenómenos em análise de acordo com a conjuntura do momento.

A operacionalização desta metodologia confrontou-se com vários obstáculos. A maioria dos organismos seleccionados não dispõe de informação trabalhada, ou desagregada, aos níveis pretendidos, tanto geográfico (freguesia, concelho, sub-região) como temporal (mensal, trimestral ou mesmo semestral).

## INTRODUÇÃO

Este relatório encontra-se estruturado em três domínios de monitorização: Território, Pessoas e Organizações, sendo que as Organizações se dividem em dois subdomínios, o da Competitividade e Internacionalização, e o da Inovação. Em cada um destes domínios são apresentados, por fichas individuais, os vários sensores seleccionados, sempre acompanhados de um gráfico e de um pequeno texto interpretativo. Quando a informação obtida desce ao nível dos concelhos, a ficha do sensor apresenta ainda um quadro com os respectivos valores. No comentário final de cada domínio, é apresentada uma síntese interpretativa dos vários sensores.

Este documento, que pretende ser mais um instrumento de trabalho para o acompanhamento e monitorização da Gestão Estratégica da Região, será actualizado todos os anos, de acordo com os objectivos desta metodologia.



# DOMÍNIO TERRITÓRIO

## Nota Metodológica

Nesta primeira fase, foi possível considerar os seguintes sensores no domínio de monitorização “Território”:

### A. Expansão residencial

- Sensor A.1: instalação de novos contadores da EPAL
- Sensor A.2: instalação de novas linhas residenciais da PT

### B. Consumo das famílias

- Sensor B.1: consumo doméstico e não empresarial de água (EPAL)
- Sensor B.2: levantamentos multibanco nacionais por habitante (SIBS)
- Sensor B.3: valor médio dos levantamentos multibanco nacionais (SIBS)
- Sensor B.4: pedidos concedidos de crédito à habitação (amostra de 2 bancos)
- Sensor B.5: valor médio do crédito concedido à habitação (amostra de 2 bancos)

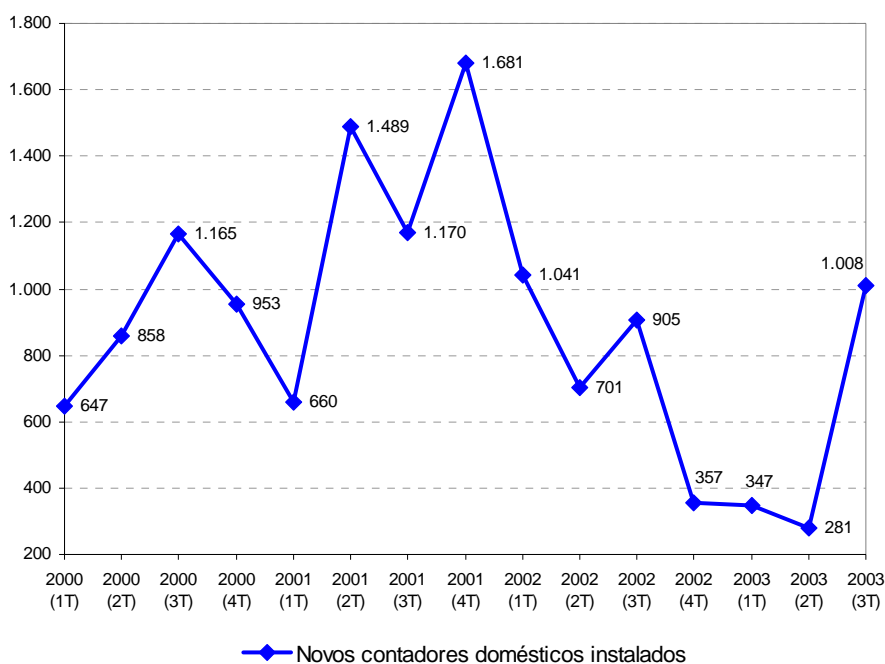
### C. Internacionalização

- Sensor C.1: levantamentos multibanco internacionais por habitante (SIBS)
- Sensor C.2: valor médio dos levantamentos multibanco internacionais (SIBS)

Os vários sensores baseiam-se em informação disponibilizada por trimestre e por concelho.

## Sensor A.1 - Instalação de novos contadores da EPAL

### Evolução



### A. Expansão residencial

#### A.1. Instalação de novos contadores da EPAL

A evolução trimestral de novos contadores de água (EPAL) instalados no concelho de Lisboa sugere a existência de três sub-períodos:

i) uma fase predominantemente expansiva desde o primeiro trimestre de 2000 até ao final de 2001;

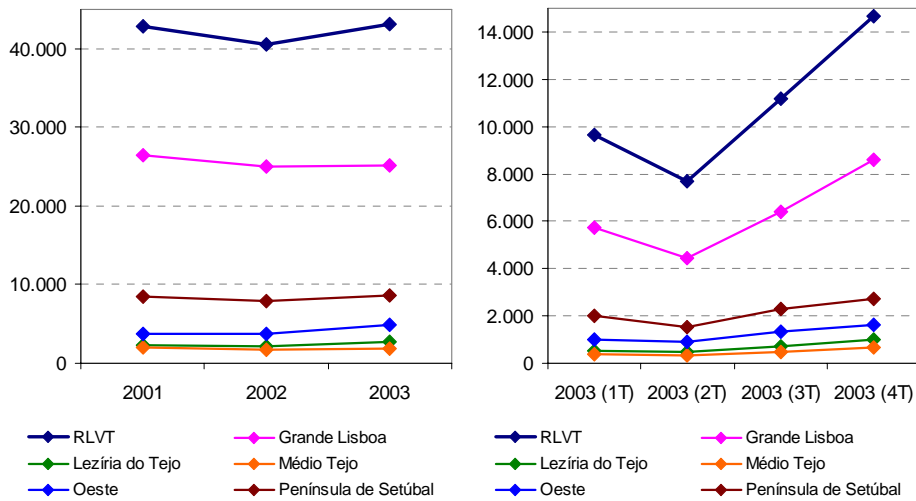
ii) uma fase de retracção durante todo o ano de 2002 e ainda o primeiro semestre do ano seguinte, em que se atingiu um patamar particularmente baixo (menos de 400 novos contadores instalados por trimestre);

iii) uma (possível) fase de expansão a partir de meados de 2003, cuja sustentabilidade apenas poderá ser confirmada com dados mais recentes.

Para o período considerado, a média de novos contadores instalados por trimestre é ligeiramente inferior a 900.

## Sensor A.2 - Instalação de novas linhas residenciais da PT

### Evolução anual e trimestral: RLVT e sub-regiões NUT III



### A . Expansão residencial

#### A . 2 . Instalação de novas linhas residenciais da PT

A evolução do total de novas linhas residenciais instaladas da PT mostra que a partir do segundo trimestre de 2003 se inverte, em todas as sub-regiões, a tendência anterior de decréscimo ou relativa estabilidade, predominante desde o início de 2001.

A fase de decréscimo foi, em termos relativos, particularmente acentuada em vários concelhos do Médio Tejo, da Grande Lisboa e da Península de Setúbal.

### Evolução anual e trimestral por concelhos (em relação ao trimestre anterior)

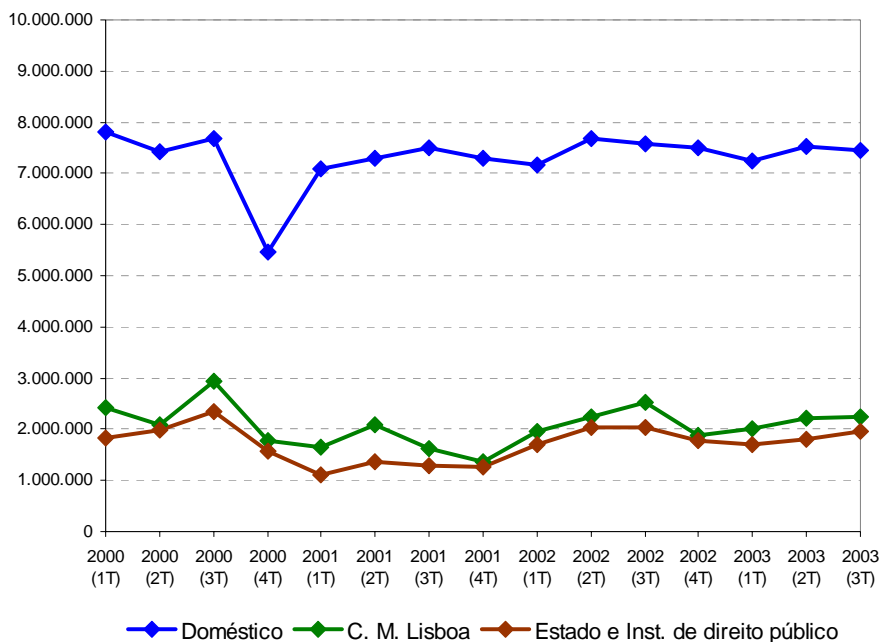
	2002	2003	2003 (2T)	2003 (3T)	2003 (4T)
<b>Grande Lisboa</b>					
Amadora	-8,7	5,7	-34,6	9,9	42,2
Cascais	2,5	8,1	-27,3	104,3	-5,8
Lisboa	-4,8	-3,8	-20,1	31,4	53,7
Loures	-9,6	-2,9	-28,0	43,1	72,0
Odivelas	-5,0	0,5	-27,5	33,2	73,6
Oeiras	3,7	0,7	-23,6	47,0	18,8
Sintra	-11,8	5,9	-11,4	53,6	14,3
Vila Franca de Xira	-6,7	-2,6	-19,1	23,9	52,6
<b>Lezíria do Tejo</b>					
Almeirim	14,8	21,2	-7,3	31,4	34,3
Alpiarca	-29,3	61,0	-23,1	70,0	52,9
Azambuja	3,6	12,2	-15,4	48,5	46,9
Benavente	-1,3	31,4	-12,5	37,7	27,4
Cartaxo	-5,2	40,4	-1,7	37,3	60,5
Chamusca	-26,7	61,4	0,0	80,0	83,3
Coruche	-9,3	15,0	3,1	-6,1	135,5
Golega	-13,5	68,8	-30,0	114,3	46,7
Rio Maior	3,7	20,0	12,1	78,4	48,5
Salvaterra de Magos	-15,8	32,5	2,6	59,0	17,7
Santarem	-4,4	9,0	0,0	56,5	41,2
<b>Médio Tejo</b>					
Abrantes	-1,5	6,9	-28,6	29,1	95,8
Alcanena	-25,2	6,3	-35,3	281,8	-26,2
Constancia	-30,8	70,4	-58,3	20,0	283,3
Entroncamento	-14,8	-15,4	5,3	12,5	17,8
Ferreira do Zezere	-14,1	-21,3	-44,4	140,0	83,3
Sardoal	-11,4	15,4	20,0	-41,7	128,6
Tomar	1,9	13,0	-16,2	46,8	51,6
Torres Novas	-21,4	14,9	-33,3	50,0	87,9
Vila Nova da Barquinha	-29,7	42,3	0,0	100,0	8,3
Vila Nova de Ourem	-16,0	5,8	-9,6	24,0	23,7
<b>Oeste</b>					
Alcobaca	-14,3	30,2	9,9	31,5	41,9
Alenquer	-7,5	14,4	4,9	39,3	26,8
Arruda dos Vinhos	20,2	39,4	-21,6	141,4	-21,4
Bombarral	-33,3	37,8	-3,8	16,0	13,8
Cadaval	-10,1	32,5	5,0	33,3	32,1
Caldas da Rainha	-6,3	38,5	4,4	32,6	43,7
Lourinha	3,3	38,7	-13,8	57,1	4,5
Mafra	33,9	27,8	-20,1	41,6	20,3
Nazare	-28,8	26,6	0,0	13,6	24,0
Obidos	4,3	18,6	-30,4	106,3	30,3
Peniche	-7,3	5,8	6,5	2,0	14,0
Sobral de Monte Agraco	47,5	6,9	0,0	71,4	70,8
Torres Vedras	2,5	37,8	-28,5	73,9	26,7
<b>Península de Setúbal</b>					
Alcochete	-9,7	-4,4	-37,5	76,0	-4,5
Almada	-12,3	3,8	-23,2	66,4	28,9
Barreiro	3,0	9,4	-23,3	22,0	-19,9
Moita	0,2	16,8	-21,7	38,3	31,2
Montijo	13,1	1,3	-30,8	25,3	41,9
Palmela	-7,0	14,9	-13,7	33,3	30,5
Seixal	-9,4	10,7	-33,4	62,7	19,5
Sesimbra	-9,8	7,5	-15,4	96,4	8,3
Setúbal	-6,7	7,1	-17,0	37,5	3,5

variação percentual  
 inferior a -10,0 %    de -10,0 % a 10,0 %    superior a 10,0 %



## Sensor B . 1 - Consumo doméstico e não empresarial de água (EPAL)

### Evolução do consumo (m3)



## B . Consumo das famílias

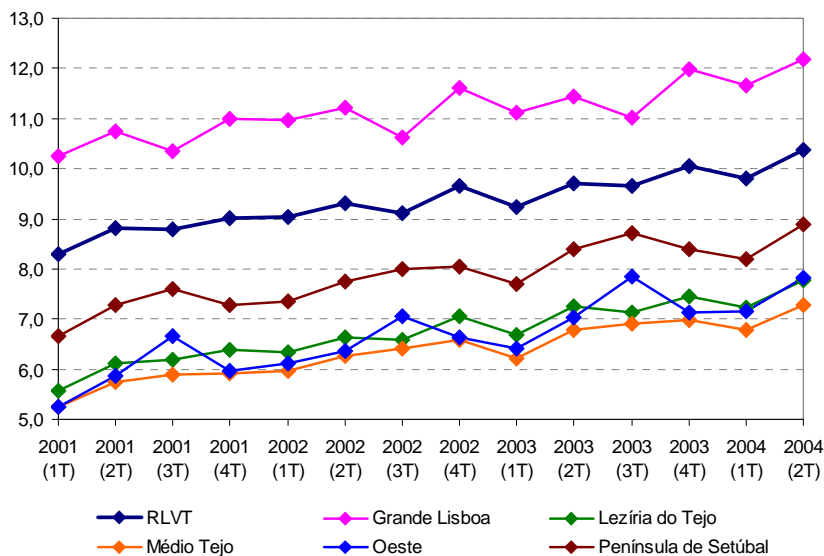
### B.1. Consumo doméstico e não empresarial de água (EPAL)

A evolução do consumo de água (EPAL) pelas famílias do concelho de Lisboa manifesta, após a quebra ocorrida durante o ano de 2000, uma tendência marcada por dois padrões: um primeiro, de natureza sazonal, caracterizado pela ocorrência de valores mínimos no primeiro trimestre de cada ano (Inverno); um segundo, mais longitudinal, marcado pela relativa melhoria até meados de 2002, mas aparente desaceleração a partir daí.

Já o consumo por entidades públicas e instituições de direito público (Câmara Municipal de Lisboa, Ministérios, embaixadas, fundações, etc.) evidencia uma tendência ligeiramente distinta, embora igualmente caracterizada por pequenas variações sazonais: predomínio de comportamentos de retracção durante o final de 2000 e em 2001, mas retoma, ainda que com intensidades diferenciadas, a partir do primeiro trimestre de 2002.

## Sensor B . 2 - Levantamentos Multibanco nacionais (SIBS) por habitante

### Evolução do nº de levantamentos por habitante: RLVT e sub-regiões NUT III



### B . Consumo das famílias

#### B. 2 . N.º de levantamentos Multibanco nacionais (SIBS) por habitante

Embora com pequenas oscilações cíclicas de natureza sazonal, o número médio de levantamentos nacionais por habitante apresenta uma tendência consolidada de crescimento em todas as sub-regiões.

Os resultados do terceiro trimestre (período de Verão) correspondem a picos relativos nas sub-regiões de destino de turistas nacionais (Oeste, Península de Setúbal) e, pelo contrário, a valores mínimos onde as saídas por motivos de férias mais se fazem sentir (Grande Lisboa).

O Oeste é a NUT III com oscilações trimestrais mais marcadas. É também a sub-região com uma evolução relativa mais positiva durante o período considerado (1º trimestre de 2001 - 2º trimestre de 2004).

### Evolução por concelhos (em relação ao trimestre anterior)

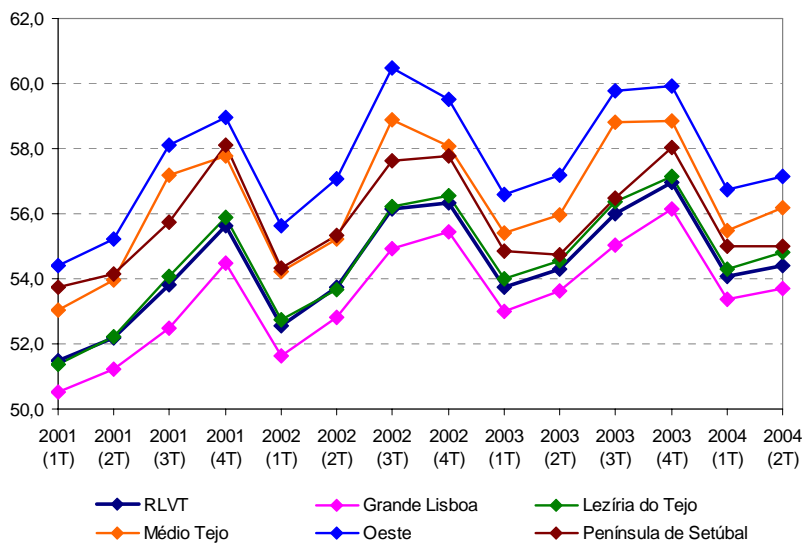
	2001 (2T)	2001 (3T)	2001 (4T)	2002 (1T)	2002 (2T)	2002 (3T)	2002 (4T)	2003 (1T)	2003 (2T)	2003 (3T)	2003 (4T)	2004 (1T)	2004 (2T)
<b>Grande Lisboa</b>													
Amadora	5,1	-1,8	3,1	2,6	0,9	-3,0	6,6	1,7	4,0	-1,9	5,6	-5,7	3,4
Cascais	7,1	1,8	-0,4	0,9	2,8	1,0	3,2	-1,3	6,0	1,3	0,9	-2,4	5,5
Lisboa	3,1	-5,9	10,1	9,3	1,7	-7,8	12,3	7,3	-0,1	-5,9	13,2	-2,5	3,3
Loures	7,7	-2,5	3,2	4,2	3,1	-3,7	7,7	4,1	8,0	-3,6	5,7	-1,8	5,7
Oeiras	5,3	-4,0	4,3	4,6	2,3	-5,0	9,6	5,1	6,2	-3,2	7,8	-1,5	6,4
Sintra	7,1	-0,2	1,9	2,6	3,1	-1,9	4,4	0,0	5,4	0,4	2,6	-2,3	5,4
V. F. de Xira	5,9	-2,0	4,2	3,3	3,3	-3,2	7,6	2,3	4,8	-1,1	6,7	-3,1	5,0
<b>Lezíria do Tejo</b>													
Azambuja	10,9	-0,9	-0,7	0,5	8,3	-7,6	6,8	3,5	10,0	-4,2	7,2	-5,5	8,9
Almeirim	7,1	0,9	3,8	3,4	2,5	3,5	1,5	-4,3	7,9	2,5	5,6	-2,2	6,0
Alpiarça	19,6	12,0	-9,0	-6,6	3,5	0,6	0,9	-1,4	10,7	1,3	2,1	-1,0	6,8
Benavente	7,3	3,5	0,0	-0,8	5,7	0,8	2,0	-2,4	9,9	1,6	-1,9	-1,0	5,0
Cartaxo	7,9	1,4	5,5	4,9	3,5	1,9	7,7	1,4	8,5	-1,1	1,8	-6,2	7,9
Chamusca	19,2	0,1	4,7	10,1	9,4	-5,6	4,3	-2,0	12,8	-5,3	4,2	-3,3	12,6
Coruche	9,9	6,9	-3,7	-5,9	4,1	6,7	5,6	3,1	9,6	2,5	0,6	-5,2	10,2
Golegã	14,2	7,3	15,5	4,6	14,8	3,2	22,8	-3,4	12,8	0,1	18,7	-14,7	11,4
Rio Maior	10,3	4,0	-0,3	1,3	1,4	2,1	2,6	-0,8	8,2	-2,0	1,5	-2,6	8,8
Salvaterra de Magos	10,1	5,5	-0,5	0,1	4,5	3,1	4,1	-0,2	6,4	-0,1	-2,8	-3,8	8,9
Santarém	9,6	-3,5	9,8	6,1	5,1	-5,7	15,6	7,3	7,2	-5,1	10,9	-0,7	6,4
<b>Médio Tejo</b>													
Abrantes	9,0	2,5	-0,6	1,3	3,1	2,4	8,8	3,8	10,7	4,2	1,1	-2,1	5,7
Alcanena	7,3	0,6	-0,4	0,8	2,6	2,6	4,4	1,1	11,6	1,1	5,1	-5,2	3,1
Constância	10,8	5,5	-1,0	-0,4	6,2	2,2	6,9	-4,2	8,8	-6,6	-5,4	3,5	17,0
Entroncamento	12,1	-2,1	12,2	14,9	3,2	1,7	5,0	-1,7	13,5	-3,0	6,9	-4,8	3,9
Ferreira do Zézeze	0,8	20,2	-12,8	-14,8	3,3	10,5	-20,8	-23,9	-22,7	3,1	-8,4	-4,9	8,1
Sardoal	23,1	11,8	-11,6	-11,0	4,6	17,7	-11,3	-16,9	13,1	9,5	-8,0	-2,6	8,7
Tomar	6,4	-1,6	6,8	8,1	4,1	-0,2	5,3	-1,7	5,5	0,7	4,1	-2,2	6,1
Torres Novas	5,5	0,1	3,6	1,4	6,2	-0,9	6,2	-0,3	6,2	1,8	3,6	-1,2	4,3
V. N. da Barquinha	15,5	-5,3	-6,9	-3,5	11,6	-4,4	3,0	-3,2	8,5	-4,6	-6,0	2,0	8,1
Ourém	15,7	8,3	-7,6	-7,8	8,3	6,1	-4,8	-10,1	14,1	4,9	-5,7	-3,3	14,4
<b>Oeste</b>													
Alcobaca	12,3	15,2	-13,7	-13,0	3,9	12,3	-8,5	-13,0	8,6	14,5	-11,0	-2,0	8,2
Bombarral	11,6	6,2	-4,1	-4,8	2,2	1,3	1,3	-4,0	10,8	3,9	-0,3	-2,3	8,6
Caldas da Rainha	8,2	4,0	-2,5	-3,1	3,4	2,7	0,9	-2,4	6,8	6,0	-3,3	-1,0	7,0
Nazaré	24,0	60,4	-44,1	-37,6	11,3	44,1	-29,6	-31,1	20,8	51,4	-38,3	4,7	13,5
Óbidos	17,9	27,2	6,9	33,6	6,5	16,9	-4,2	-14,6	20,5	22,1	-12,0	-4,1	20,6
Peniche	13,4	32,6	-25,6	-22,5	3,1	31,2	-22,2	-24,3	13,4	27,8	-24,8	-0,4	10,7
Alenquer	11,6	1,2	4,1	2,9	3,5	0,6	7,4	1,9	7,2	0,1	11,1	7,3	14,9
Arruda dos Vinhos	9,3	2,6	2,0	3,4	2,2	0,3	4,6	0,1	5,4	0,1	-2,1	8,4	6,4
Cadaval	16,4	7,4	0,2	-1,4	1,3	2,6	2,5	-3,1	10,4	0,4	0,5	0,3	4,5
Lourinhã	13,3	21,2	-13,8	-12,0	2,2	18,4	-9,3	-14,3	10,5	17,9	-14,0	-0,6	7,9
Mafra	15,5	17,5	-13,9	-9,7	6,3	12,1	-8,7	-11,4	15,1	11,3	-11,5	0,9	10,6
S. de Monte Agraço	6,7	8,8	2,8	5,3	4,3	2,4	-0,4	-5,3	8,1	3,0	1,3	-2,4	3,6
Torres Vedras	7,9	9,6	-6,2	-1,3	2,8	8,4	-1,6	-3,6	6,1	7,7	-5,6	-1,9	7,6
<b>Península de Setúbal</b>													
Alcochete	28,3	-0,2	-20,2	0,9	11,4	11,9	-4,2	-6,5	7,0	7,0	-4,8	3,8	9,7
Almada	10,4	3,4	-5,4	-3,9	6,4	2,3	5,3	0,9	7,7	2,1	-3,4	-1,5	8,2
Barreiro	6,7	0,8	2,3	2,4	4,9	-0,1	4,4	0,0	5,9	1,6	-0,3	-4,2	6,6
Moita	6,9	5,8	-5,4	-0,5	1,7	5,7	-0,2	-2,4	6,2	3,9	-5,9	-7,0	7,5
Montijo	5,8	-0,5	-0,2	-0,2	5,9	0,1	5,4	3,7	27,1	2,2	4,0	3,1	10,4
Palmela	7,1	4,9	-1,6	0,0	1,9	0,9	5,5	1,0	10,3	2,6	-1,8	1,6	11,8
Seixal	8,9	6,0	-4,3	-3,8	4,5	3,0	-2,2	-6,6	8,2	3,6	-3,4	-3,8	7,2
Sesimbra	21,2	30,0	-29,0	-28,0	9,0	29,0	-27,1	-30,9	24,6	31,2	-28,7	0,4	14,9
Setúbal	9,5	4,6	-3,9	-4,3	5,8	2,9	-1,3	-6,8	6,9	4,2	-3,8	-3,1	8,7

variação percentual

inferior a -5,0%      de -5,0% a 5,0%      superior a 5,0%

## Sensor B . 3 - Valor médio dos levantamentos Multibanco nacionais (SIBS)

### Evolução do valor médio por levantamento (€): RLVT e sub-regiões NUTIII



### Evolução por concelhos (em relação ao trimestre homólogo do ano anterior)

	2002 (1T)	2002 (2T)	2002 (3T)	2002 (4T)	2003 (1T)	2003 (2T)	2003 (3T)	2003 (4T)	2004 (1T)	2004 (2T)
<b>Grande Lisboa</b>										
Amadora	1,6	3,0	3,9	1,7	3,0	1,0	0,4	0,8	0,4	0,0
Cascais	1,7	2,8	3,6	1,2	2,5	0,5	-0,7	0,8	0,6	0,4
Lisboa	2,6	3,4	5,5	2,3	2,9	2,4	0,9	2,0	1,2	0,2
Loures	1,7	2,3	3,4	0,5	1,8	-0,2	-1,4	0,0	-0,5	0,0
Oeiras	2,6	3,3	5,5	1,8	2,8	1,2	-0,2	0,6	0,1	-0,1
Sintra	1,6	2,7	3,1	0,6	2,0	0,4	-0,4	1,0	0,6	0,4
V. F. de Xira	2,0	2,8	3,9	0,8	2,0	0,5	-0,7	0,2	0,5	-0,3
<b>Lezíria do Tejo</b>										
Azambuja	3,1	3,4	4,9	1,4	2,6	1,6	-0,9	-0,1	0,1	0,8
Almeirim	3,7	3,2	3,5	0,9	2,5	0,7	0,1	0,9	0,4	0,1
Alpiarça	-1,5	0,1	1,5	0,3	3,8	2,2	0,4	0,9	1,0	-0,9
Benavente	1,6	2,6	4,3	2,5	2,6	0,7	0,0	1,0	1,6	2,4
Cartaxo	2,4	3,1	3,3	0,3	2,8	1,3	0,9	2,5	1,7	1,9
Chamusca	1,3	1,3	4,7	2,0	3,7	3,9	-0,3	2,1	1,9	-0,2
Coruche	3,4	3,6	6,3	2,1	3,3	2,9	0,2	1,3	0,1	0,3
Golegã	-2,1	-5,5	-1,3	-1,6	0,0	1,7	-2,5	-0,4	-2,6	-1,9
Rio Maior	2,4	3,1	3,1	1,0	1,6	0,4	0,6	1,9	2,0	1,9
Salvaterra de Magos	2,4	2,6	3,6	-0,9	0,7	-0,5	-0,3	1,0	2,7	1,5
Santarém	3,5	3,1	4,2	1,7	2,4	2,9	1,1	0,4	-0,5	-1,1
<b>Médio Tejo</b>										
Abrantes	2,0	2,5	3,6	1,2	3,3	1,7	-0,2	0,9	-0,4	1,0
Alcanena	4,4	6,2	6,2	3,7	5,6	2,5	0,6	-0,1	-1,8	-1,2
Constância	3,4	-0,1	3,4	1,5	1,8	3,5	0,4	3,5	-0,8	-3,5
Entroncamento	-0,1	0,9	2,1	0,0	2,0	0,3	-0,1	0,8	0,3	0,9
Ferreira do Zêzere	6,1	4,2	4,2	1,3	1,2	7,4	6,8	5,9	6,4	0,3
Sardoal	3,2	4,0	6,0	2,8	2,8	1,6	0,3	1,4	1,6	3,8
Tomar	2,3	0,9	1,5	-1,4	0,7	0,4	-0,5	1,1	0,5	0,4
Torres Novas	2,4	1,4	1,2	-0,9	1,3	1,9	0,6	2,4	0,2	0,0
V. N. da Barquinha	0,9	2,7	3,2	0,6	2,5	1,2	0,4	3,6	3,1	4,5
Ourém	2,5	4,2	4,5	1,8	2,2	0,5	-1,1	0,7	0,2	0,1
<b>Oeste</b>										
Alcobaça	1,9	3,0	4,8	1,5	2,6	0,6	-0,9	0,7	0,3	0,6
Bombarral	2,9	4,5	5,7	1,0	2,3	-0,3	-1,2	1,5	0,5	2,3
Caldas da Rainha	4,1	3,6	4,3	1,5	2,3	1,2	-1,0	1,0	0,5	1,4
Nazaré	4,3	5,3	5,2	1,5	2,9	0,4	-4,0	0,2	-0,1	-0,9
Óbidos	-4,2	0,6	1,4	3,1	4,2	-0,2	-2,0	-1,1	-2,7	-1,5
Peniche	3,5	5,1	4,2	1,1	1,4	0,1	-0,6	-0,6	-0,9	-1,6
Alenquer	0,7	2,3	3,5	0,2	0,8	-0,7	-2,2	0,7	0,5	-1,0
Arruda dos Vinhos	3,0	4,9	3,8	1,6	3,2	1,1	1,8	3,0	2,2	0,0
Cadaval	2,1	3,7	6,0	3,1	3,2	1,2	0,9	1,5	1,0	3,5
Lourinhã	2,1	3,6	6,1	1,2	1,6	1,3	-1,3	1,9	1,2	-0,1
Mafra	0,0	1,8	1,8	-1,4	0,2	-1,9	-1,5	0,2	-0,2	0,0
S. de Monte Agraço	4,1	3,0	3,5	-0,5	-0,8	-1,3	-1,2	0,6	1,1	1,2
Torres Vedras	1,6	3,2	4,1	1,2	1,8	0,7	-0,5	0,7	0,0	-1,0
<b>Península de Setúbal</b>										
Alcochete	3,6	6,2	3,9	1,4	1,0	-1,3	-1,6	1,3	-0,1	1,5
Almada	0,5	1,7	3,2	-2,1	-0,5	-2,0	-2,2	1,6	1,3	1,2
Barreiro	0,9	2,0	3,0	-0,6	1,5	-0,8	-1,7	0,3	0,6	0,9
Moita	0,4	1,8	2,8	-1,6	1,7	-2,0	-3,0	-0,1	0,8	0,7
Montijo	0,9	2,2	2,2	-0,9	0,9	-5,1	-6,1	-4,2	-6,1	-2,5
Palmela	1,6	3,5	5,5	2,4	1,9	-0,2	-1,6	0,0	0,8	-0,2
Seixal	0,4	1,2	2,8	0,0	1,5	-0,2	-1,0	0,8	0,6	1,0
Sesimbra	2,7	4,7	5,5	0,3	2,7	0,5	-3,2	-0,5	-2,1	-1,8
Setúbal	2,4	3,0	4,2	0,2	1,2	-0,2	-1,5	0,4	0,4	-0,1

## B . Consumo das famílias

### B . 3 . Valor médio dos levantamentos Multibanco nacionais (SIBS)

O valor médio por levantamento Multibanco nacional na Região e nas suas 5 sub-regiões varia consideravelmente segundo um padrão sazonal que atinge os resultados mais baixos no primeiro trimestre de cada ano, aumentando a partir daí de forma regular até ao último trimestre.

Os dados dos últimos dois trimestres são idênticos aos dos trimestres homólogos precedentes, confirmando a tendência, verificada ao longo de 2003, de desaceleração face à tendência genericamente positiva observada desde o 1º trimestre de 2001.

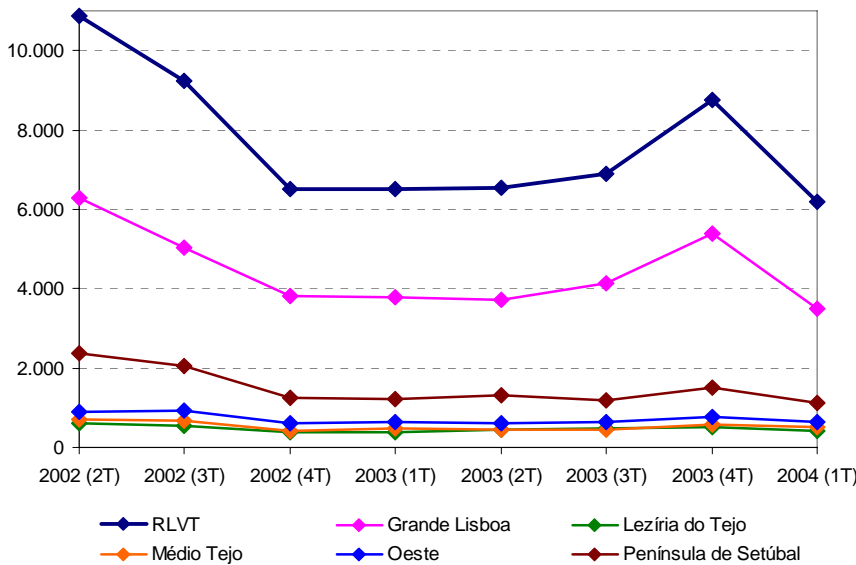
As capitações mais elevadas continuam a verificar-se nas NUT III Oeste e Médio Tejo (valores superiores a 56€ por levantamento), mantendo-se as mais baixas na AML.

O Oeste e a Península de Setúbal são as sub-regiões que têm evidenciado comportamentos mais instáveis, a nível de concelho, ao longo do período considerado.

variação percentual  
inferior a -1,0 % de -1,0 % a 1,0 % superior a 1,0 %

## Sensor B . 4 - Pedidos concedidos de crédito à habitação (amostra de 2 bancos)

### Evolução do nº de pedidos: RLVT e sub-regiões NUT III



### Evolução por concelhos (em relação ao trimestre anterior)

	2003 (2T)	2003 (3T)	2003 (4T)	2004 (1T)
<b>Grande Lisboa</b>				
Amadora	-44,9	-0,7	46,7	9,7
Cascais	-28,9	-11,3	30,5	-12,5
Lisboa	-39,9	-19,9	38,6	-15,3
Loures	-43,0	-1,5	41,4	2,1
Odivelas	-42,6	-23,8	28,0	1,9
Oeiras	-49,4	-16,4	54,5	12,1
Sintra	-43,9	-8,8	52,4	9,6
V. F. de Xira	-37,7	-47,6	38,1	-19,3
<b>Lezíria do Tejo</b>				
Azambuja	-1,6	-19,7	138,9	2,2
Almeirim	-48,8	11,5	-50,0	-22,7
Alpiarça	-14,3	-52,9	0,0	100,0
Benavente	-22,9	-38,5	20,0	37,0
Cartaxo	-26,2	-24,1	48,6	-6,8
Chamusca	-10,0	50,0	-15,4	325,0
Coruche	4,2	0,0	42,9	39,1
Golegã	-36,1	-12,5	11,8	10,0
Rio Maior	-53,9	15,6	3,4	-18,3
Salvaterra de Magos	-39,3	22,2	40,0	0,0
Santarém	-9,6	-23,4	30,7	10,7
<b>Médio Tejo</b>				
Abrantes	-46,4	-26,2	10,5	13,9
Alcanena	-76,7	-63,2	42,9	125,0
Constância	-35,8	-40,7	145,9	-7,0
Entroncamento	-26,9	-41,0	35,1	-25,0
Ferreira do Zêzere	23,1	-47,1	7,7	-11,8
Sardoal	27,3	16,7	27,8	41,7
Tomar	-35,2	-29,4	48,1	16,3
Torres Novas	-9,8	-34,1	40,0	69,8
V. N. da Barquinha	-26,7	-54,3	60,0	46,7
Ourém	-61,4	-26,7	-19,7	-6,1
<b>Oeste</b>				
Alcobaça	-19,5	-54,0	26,1	-18,9
Bombarral	-46,2	-21,2	108,0	100,0
Caldas da Rainha	-46,4	-51,4	45,1	20,0
Nazaré	-63,5	-29,4	-20,0	9,8
Óbidos	-40,0	85,7	200,0	100,0
Peniche	-32,3	-28,1	-12,5	-19,6
Alenquer	-52,7	-15,2	84,6	6,3
Arruda dos Vinhos	7,1	-9,1	95,7	-47,8
Cadaval	-58,3	19,0	-22,2	92,9
Lourinhã	-11,1	17,2	57,9	-28,0
Mafra	1,2	7,8	15,1	-17,0
S. de Monte Agraço	33,3	-72,6	-50,0	-54,8
Torres Vedras	-25,2	-17,7	-12,3	4,6
<b>Península de Setúbal</b>				
Alcochete	-15,1	-34,1	48,4	-23,1
Almada	-41,6	-47,4	22,4	-14,6
Barreiro	-57,9	-50,0	17,1	-6,2
Moita	-55,2	-29,6	39,5	24,6
Montijo	-45,7	-32,8	52,5	36,6
Palmela	-47,5	-60,7	13,8	-19,7
Seixal	-42,2	-28,8	27,4	-19,1
Sesimbra	-42,6	-34,5	13,8	4,8
Setúbal	-39,0	-40,3	4,9	-10,8

## B . Consumo das famílias

### B. 4. Pedidos concedidos de crédito à habitação (amostra de 2 bancos)

A partir do 4º trimestre de 2002 estanca a tendência para a quebra acentuada do número de pedidos de crédito à habitação na Região, verificando-se um comportamento relativamente estável, interrompido em alta no 4º trimestre de 2003. A evolução no trimestre seguinte aponta para uma nova quebra.

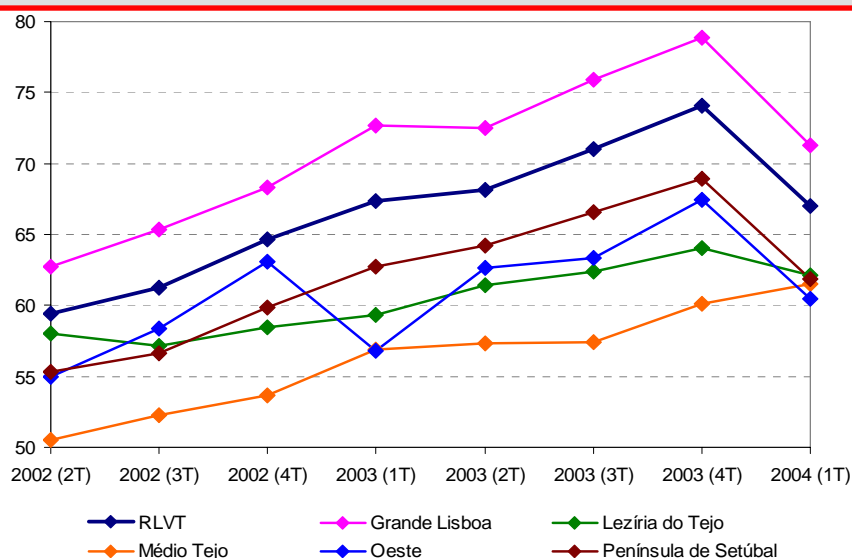
A NUT III Grande Lisboa foi a que iniciou mais cedo e de forma mais generalizada a retoma acima referida. O seu elevado peso relativo no contexto da Região leva a que seja esta sub-região a marcar, no essencial, o comportamento detectado para o conjunto da RLVT. As sub-regiões da Península de Setúbal e do Médio Tejo e, ainda, os concelhos do sector norte do Oeste caracterizam-se por uma retoma mais tardia e, em geral, menos acentuada.

A nova quebra ocorrida no 1º trimestre de 2004 apresentou valores particularmente marcados em dois municípios vizinhos do Oeste: Arruda dos Vinhos e Sobral de Monte Agraço.

variação percentual  
 inferior a -20,0 %    de -20,0 % a 20,0 %    superior a 20,0 %

## Sensor B . 5 - Valor médio de crédito concedido à habitação (amostra de 2 bancos)

Valor médio de crédito por pedido concedido (mil. €):  
RLVT e sub-regiões NUTIII



Evolução por concelhos (em relação ao trimestre anterior)

	2003 (2T)	2003 (3T)	2003 (4T)	2004 (1T)
<b>Grande Lisboa</b>				
Amadora	-35,1	16,2	79,2	-0,1
Cascais	-12,7	-3,5	40,0	-24,8
Lisboa	-31,1	-5,2	63,3	-16,6
Loures	-37,4	11,3	72,7	15,1
Odivelas	-42,2	-16,2	62,3	24,3
Oeiras	-36,9	-2,0	57,3	3,4
Sintra	-38,5	11,0	74,9	15,4
V. F. de Xira	-29,0	-48,5	64,9	-22,1
<b>Lezíria do Tejo</b>				
Azambuja	11,5	-15,8	143,4	-15,5
Almeirim	-55,5	46,4	-62,7	-14,7
Alpiarça	79,1	-61,0	-15,1	159,4
Benavente	-7,7	-23,7	34,4	55,3
Cartaxo	-18,4	-23,7	65,7	-13,0
Chamusca	-22,3	22,1	-11,9	392,6
Coruche	23,1	7,0	60,0	65,0
Golegã	-31,1	-10,3	0,7	14,4
Rio Maior	-46,1	3,4	17,0	-18,9
Salvaterra de Magos	-51,7	30,1	45,0	7,1
Santarém	-12,5	-5,0	52,3	24,0
<b>Médio Tejo</b>				
Abrantes	-37,0	-22,7	42,6	29,3
Alcanena	-78,0	-65,1	20,4	79,8
Constância	-33,7	-44,1	197,9	9,5
Entroncamento	-19,2	-22,2	50,3	-15,9
Ferreira do Zêzere	33,7	-40,3	30,8	-17,9
Sardoal	15,0	-15,3	5,5	16,0
Tomar	-22,8	-20,0	81,2	15,5
Torres Novas	1,3	-35,0	53,0	123,2
V. N. da Barquinha	19,1	-43,4	51,0	10,5
Ourém	-56,9	-18,3	-20,6	-8,0
<b>Oeste</b>				
Alcobaça	-16,1	-62,5	31,1	-23,9
Bombarral	-64,1	-7,7	144,8	90,4
Caldas da Rainha	-40,7	-36,8	56,2	24,0
Nazaré	-54,3	-19,6	-20,3	19,8
Óbidos	-33,3	59,1	201,0	42,1
Peniche	-19,0	-35,7	-17,8	-8,7
Alenquer	-44,2	-20,4	111,3	10,5
Arruda dos Vinhos	12,3	13,9	107,0	-54,3
Cadaval	-57,3	24,8	-31,3	83,5
Lourinhã	-1,8	39,0	40,7	-47,1
Mafra	19,2	19,3	28,4	-1,1
S. de Monte Agraço	-8,6	-73,3	-26,8	-50,8
Torres Vedras	-5,0	-12,8	-1,8	41,4
<b>Península de Setúbal</b>				
Alcochete	-10,1	-4,1	68,6	9,7
Almada	-26,7	-37,3	34,0	-21,1
Barreiro	-51,1	-47,5	46,1	6,4
Moita	-57,6	-3,1	66,1	27,4
Montijo	-24,9	-30,8	81,7	37,8
Palmeira	-40,9	-43,8	64,1	-13,1
Sesimbra	-38,6	-16,5	39,6	-15,6
Sesimbra	-19,9	-24,6	36,3	-20,4
Setúbal	-37,5	-36,3	21,1	-13,2

## B . Consumo das famílias

### B . 5 . Valor médio de crédito à habitação por pedido concedido (amostra de 2 bancos)

Verifica-se, em termos gerais, uma tendência para o reforço sistemático do valor médio de crédito concedido por pedido, a um ritmo muito idêntico nas duas sub-regiões da AML e, por isso, no conjunto da AML. Esta tendência é subitamente interrompida no primeiro trimestre de 2004.

A sub-região do Oeste, com um comportamento mais errático, e a do Médio Tejo, com capitações bastante baixas mas a única sem quebra no último trimestre, destacam-se do padrão geral acima descrito.

A leitura conjunta deste gráfico e do anterior mostra existirem três sub-períodos:

- Três últimos trimestres de 2002: diminuição acentuada do total de pedidos aprovados, mas aumento do valor médio de crédito concedido;

- Ano 2003: relativa estabilidade do total de pedidos aprovados mas continuação do aumento do valor médio de crédito concedido;

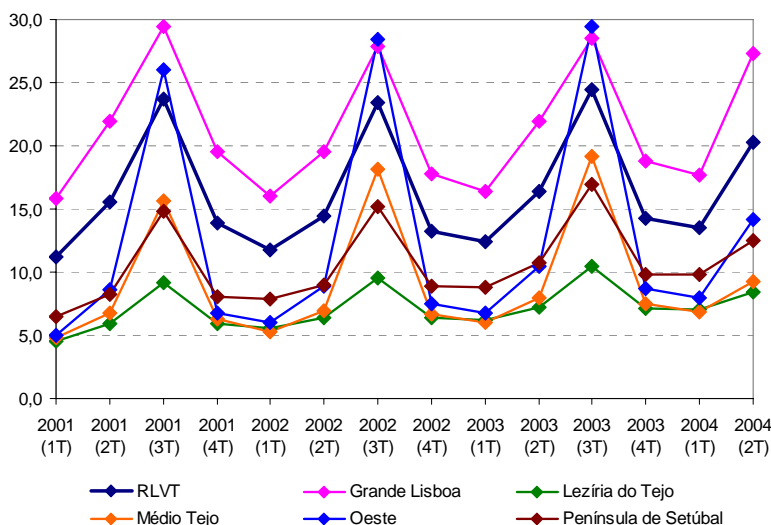
- 1º trimestre de 2004: recuo simultâneo do número de pedidos aprovados e do valor médio dos empréstimos concedidos.

Este último comportamento reflecte uma situação tendencialmente regressiva, que afecta, em especial, a AML e o Oeste.

variação percentual  
inferior a -20,0 % de -20,0 % a 20,0 % superior a 20,0 %

# Sensor C . 1 - Levantamentos Multibanco internacionais (SIBS) por habitante

## Evolução do nº de levantamentos por 100 hab.: RLVT e sub-regiões NUTIII



## C. Internacionalização

### C .1. Levantamentos Multibanco internacionais (SIBS) por habitante

O n.º médio de levantamentos internacionais por 100 habitantes, com picos acentuados sistemáticos no 3º trimestre, tem progredido de forma positiva ao nível da Região, das 5 sub-regiões e mesmo da grande maioria dos municípios. Os dados relativos ao 2º trimestre de 2004 indiciam a continuação dessa tendência.

Dentro do panorama globalmente favorável verificado desde o início do ano 2001, o Oeste destaca-se pelo seu comportamento bastante positivo nos trimestres de Verão, período em que tem vindo a conseguir ultrapassar as capitães da Grande Lisboa.

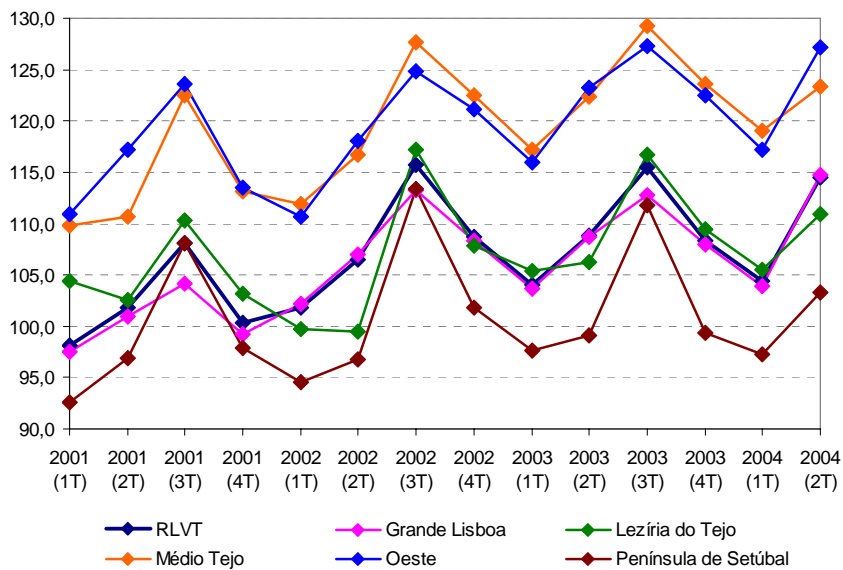
## Evolução por concelhos (em relação ao trimestre homólogo do ano anterior)

	2002 (1T)	2002 (2T)	2002 (3T)	2002 (4T)	2003 (1T)	2003 (2T)	2003 (3T)	2003 (4T)	2004 (1T)	2004 (2T)
<b>Grande Lisboa</b>										
Amadora	14,1	8,6	2,0	8,7	11,4	9,5	12,6	7,7	3,5	14,8
Cascais	6,3	-4,2	-1,5	0,3	1,4	10,0	2,5	0,2	4,3	20,5
Lisboa	-4,8	-17,5	-8,8	-15,0	-0,5	11,3	-0,4	4,4	8,0	29,8
Loures	19,4	17,0	11,4	17,3	22,4	25,9	14,5	17,0	14,0	15,4
Oeiras	13,0	6,9	-0,2	4,2	5,2	10,8	9,2	8,1	11,1	14,6
Sintra	16,3	4,0	0,3	1,6	8,6	14,2	12,0	8,5	4,4	11,8
V. F. de Xira	24,4	15,6	9,3	6,5	15,0	26,8	17,6	20,5	15,5	6,5
<b>Lezíria do Tejo</b>										
Azambuja	-34,9	-27,4	-30,7	-17,5	26,6	26,8	10,6	17,9	2,8	32,4
Almeirim	33,5	21,8	20,0	10,4	20,1	14,6	8,3	14,9	16,8	12,7
Alpiarça	76,8	44,7	-7,8	37,8	29,6	1,5	7,5	-9,2	-7,5	18,4
Benavente	15,8	-5,7	9,0	5,2	6,0	15,9	13,0	16,8	18,8	7,7
Cartaxo	37,6	33,2	21,2	25,0	26,1	29,3	12,8	13,7	10,6	18,5
Chamusca	61,8	57,4	11,8	7,3	6,0	21,0	27,3	75,7	52,0	39,7
Coruche	7,3	12,7	22,1	44,4	29,5	25,0	32,2	24,7	27,6	19,4
Golegã	64,0	93,7	42,2	41,5	46,3	29,1	32,3	34,7	-8,1	5,8
Rio Maior	38,3	4,2	-0,4	17,8	12,4	13,4	9,3	11,2	15,2	19,9
Salvaterra de Magos	58,8	53,4	74,0	49,7	22,3	3,5	-1,5	17,8	13,3	9,6
Santarém	33,3	4,6	-3,6	-2,8	-1,8	4,8	2,8	-2,4	11,4	12,3
<b>Médio Tejo</b>										
Abrantes	-8,6	-6,1	0,5	18,4	28,6	42,1	38,4	25,4	17,8	11,7
Alcanena	3,6	27,0	39,0	30,1	23,2	22,6	16,7	13,8	24,4	14,9
Constância	38,0	42,8	10,2	0,5	5,4	-3,4	9,0	-21,4	9,6	-1,5
Entroncamento	57,4	41,9	42,5	6,9	23,7	30,3	9,8	22,3	16,5	12,7
Ferreira do Zêzere	26,0	53,2	32,4	22,4	9,7	-29,1	-23,0	-18,7	-16,9	30,6
Sardoal	-29,0	2,7	1,3	17,1	87,8	28,9	69,7	20,7	7,6	32,7
Tomar	3,5	1,5	11,0	11,4	18,5	13,2	2,5	8,7	5,5	4,2
Torres Novas	8,1	13,0	12,2	-4,9	0,6	-0,7	11,4	11,2	16,4	19,6
V. N. da Barquinha	10,4	35,5	0,3	19,9	39,4	33,0	33,1	47,6	16,5	1,5
Ourém	19,2	-11,4	17,5	-1,1	5,5	13,8	0,5	10,0	13,9	27,1
<b>Oeste</b>										
Alcobaça	7,0	-1,6	3,0	3,8	13,4	1,7	-7,3	3,8	5,0	16,2
Bombarral	-1,8	43,3	19,5	43,6	28,2	1,1	-2,2	6,7	12,0	15,8
Caldas da Rainha	17,0	11,0	14,4	20,2	14,7	19,1	13,0	18,2	15,2	27,9
Nazaré	38,8	-11,2	5,7	7,0	2,2	25,2	11,1	15,8	15,3	44,1
Óbidos	37,8	-1,5	13,3	15,1	20,1	20,8	6,4	10,1	61,7	113,6
Peniche	3,0	-9,1	8,8	10,0	11,5	17,3	-3,9	13,7	13,1	28,1
Alenquer	43,0	24,2	12,1	24,1	10,4	31,6	33,4	32,6	26,3	41,4
Arruda dos Vinhos	46,5	33,3	26,9	19,1	0,0	30,3	-4,0	10,1	29,9	4,8
Cadaval	8,3	34,1	19,5	7,3	25,6	9,9	23,4	28,2	13,6	8,1
Lourinhã	23,2	4,3	14,6	4,4	23,3	12,8	1,6	13,6	14,5	40,2
Mafra	31,0	-0,9	8,5	6,7	23,1	26,7	-0,5	15,9	17,4	52,1
S. de Monte Agraço	39,6	42,6	25,5	-5,7	0,4	-3,8	-5,8	50,0	26,8	20,9
Torres Vedras	24,0	20,1	13,2	5,2	4,9	7,8	3,8	14,3	16,9	28,6
<b>Península de Setúbal</b>										
Alcochete	27,1	-1,6	4,5	29,4	42,3	21,4	5,7	3,9	8,1	44,6
Almada	27,4	7,1	2,7	14,0	15,2	25,4	14,5	12,4	9,2	18,0
Barreiro	24,6	24,9	12,0	19,6	14,8	14,9	17,6	10,3	12,3	11,7
Moita	50,4	42,2	19,4	19,5	10,2	19,2	21,2	9,4	14,3	20,5
Montijo	26,2	15,6	8,5	20,3	26,5	58,1	50,0	34,6	23,0	17,0
Palmela	3,3	-8,2	-11,2	-0,5	4,7	22,5	18,2	4,5	15,4	19,5
Seixal	24,2	14,3	1,4	9,6	8,3	13,1	8,1	11,3	8,1	9,9
Sesimbra	7,0	-10,6	0,0	-5,7	-8,4	9,3	-3,1	19,1	32,0	37,7
Setúbal	11,8	1,1	-1,1	4,6	7,6	13,0	1,0	2,1	5,2	15,6

variação percentual  
 inferior a -10,0 %    de -10,0 % a 10,0 %    superior a 10,0 %

## Sensor C . 2 - Valor médio dos levantamentos Multibanco internacionais (SIBS)

### Evolução do valor médio por levantamento (€): RLVT e sub-regiões NUT III



### Evolução por concelhos (em relação ao trimestre homólogo do ano anterior)

	2002 (1T)	2002 (2T)	2002 (3T)	2002 (4T)	2003 (1T)	2003 (2T)	2003 (3T)	2003 (4T)	2004 (1T)	2004 (2T)
<b>Grande Lisboa</b>										
Amadora	-0,5	-1,0	6,5	7,1	2,0	5,4	-0,9	-2,2	0,2	4,4
Cascais	2,7	5,5	7,9	9,0	4,6	2,3	0,6	0,1	0,7	5,5
Lisboa	6,8	7,9	9,5	10,3	0,9	1,3	-0,3	0,5	0,5	6,2
Loures	-2,0	1,5	6,4	2,1	-1,1	-0,5	-5,1	-1,2	1,2	1,9
Oeiras	0,3	-0,2	6,2	6,9	4,0	7,8	1,8	-0,5	-0,1	1,8
Sintra	4,0	4,1	7,3	8,6	3,9	2,5	-1,0	-2,0	-0,2	2,3
V. F. de Xira	0,7	-0,9	5,1	3,5	-0,5	-1,7	-4,5	-4,8	-4,6	2,1
<b>Lezíria do Tejo</b>										
Azambuja	-12,1	-5,6	1,6	-5,6	4,0	3,6	-3,7	0,9	-0,5	8,1
Almeirim	-0,4	-6,8	5,9	2,4	4,4	8,5	-2,2	-0,3	-1,1	-1,8
Alpiarça	7,1	-2,9	1,5	9,7	0,2	8,4	-1,0	-0,1	1,3	-5,4
Benavente	-8,9	-1,0	4,4	-1,5	1,1	1,8	1,8	1,8	13,6	13,1
Cartaxo	-1,5	-14,3	4,7	1,7	-4,1	5,2	-4,9	-10,7	-8,1	3,5
Chamusca	-10,5	-18,8	0,8	36,6	12,9	13,0	-8,0	-18,3	-14,5	-8,0
Coruche	-4,0	3,5	7,4	16,2	13,6	12,3	4,8	0,6	11,6	7,2
Golegã	3,4	8,9	-7,3	5,5	3,8	-1,4	8,7	-1,9	14,1	-1,2
Rio Maior	0,4	5,5	7,7	0,4	8,7	4,1	1,2	9,8	-0,3	3,2
Salvaterra de Magos	9,9	-8,2	8,4	14,2	1,7	3,0	-4,0	-4,5	-4,9	3,1
Santarém	-4,1	-1,4	8,3	5,4	8,0	10,1	0,6	6,7	-2,1	4,4
<b>Médio Tejo</b>										
Abrantes	8,8	4,8	5,1	4,2	1,1	-2,0	1,9	3,4	0,5	-0,5
Alcanena	-6,8	8,2	0,8	-2,4	7,8	2,5	1,3	1,8	-0,6	4,3
Constância	2,5	23,6	7,9	10,3	8,6	-7,0	-0,2	13,5	-7,4	6,6
Entroncamento	-2,1	-3,2	5,5	0,3	1,4	-0,8	-1,3	2,5	5,5	5,7
Ferreira do Zêzere	8,4	4,8	0,3	5,9	9,0	13,9	4,3	7,7	8,4	3,2
Sardoal	-8,1	12,0	31,9	31,0	19,9	2,4	-13,1	-23,3	-22,0	0,5
Tomar	5,6	1,1	0,4	6,4	2,3	3,3	1,4	1,2	0,9	-2,1
Torres Novas	-7,2	1,9	-1,4	7,7	2,6	10,5	3,3	-3,5	6,1	1,5
V. N. da Barquinha	2,7	8,2	7,2	4,2	8,7	5,2	2,0	0,2	-7,2	-4,6
Ourém	4,1	11,0	7,3	14,2	7,9	8,7	1,7	1,3	2,3	0,9
<b>Oeste</b>										
Alcobaça	3,4	-1,1	2,5	9,6	6,5	8,0	1,7	-2,4	1,5	1,2
Bombarral	4,1	1,5	6,5	0,7	7,8	5,6	-3,1	2,9	-0,3	3,0
Caldas da Rainha	0,5	-0,1	-0,4	3,0	1,7	4,0	0,7	1,5	3,8	5,2
Nazaré	0,0	5,7	0,6	11,9	6,1	2,7	0,1	1,7	-3,8	0,2
Óbidos	-3,4	3,4	1,0	8,2	4,8	-2,3	2,1	0,4	5,7	8,5
Peniche	-1,8	6,2	1,6	7,1	8,9	3,4	4,8	1,6	-3,4	4,1
Alenquer	-4,9	-4,5	7,0	9,7	9,0	13,5	2,9	4,0	-1,4	0,8
Arruda dos Vinhos	-9,0	-11,8	-2,0	3,9	4,7	0,5	0,3	3,8	-12,1	1,8
Cadaval	-6,6	-2,2	3,0	1,8	4,9	4,2	4,6	11,8	10,5	12,5
Lourinhã	5,4	-0,7	0,2	-3,4	-2,8	3,3	2,1	10,1	1,9	6,7
Mafra	-3,0	1,8	-1,1	9,6	3,3	1,6	4,2	-3,2	-2,0	3,1
S. de Monte Agraço	2,4	8,2	8,7	-6,5	3,3	8,3	-3,4	15,5	7,9	-10,8
Torres Vedras	-0,9	-1,8	1,1	9,5	4,3	8,0	1,9	2,0	7,2	1,6
<b>Península de Setúbal</b>										
Alcochete	7,9	4,4	7,5	-2,7	8,2	10,3	-1,6	-1,7	1,7	6,3
Almada	0,2	-2,0	4,0	1,6	0,4	0,4	-1,2	-3,2	1,5	7,0
Barreiro	5,2	0,4	3,8	3,5	1,1	1,4	-3,8	-2,6	-1,7	2,8
Moita	-6,1	-2,5	2,8	-5,5	0,1	1,5	1,4	2,4	1,3	-2,5
Montijo	1,6	0,3	4,5	-1,1	2,4	1,6	-2,0	-1,9	-3,7	0,7
Palmela	2,9	4,8	9,4	11,4	5,4	1,4	-1,6	-2,3	1,9	6,5
Seixal	2,1	-0,2	3,9	4,7	6,5	4,7	-0,5	-2,6	1,0	3,2
Sesimbra	3,2	2,3	1,2	1,2	0,7	1,0	0,7	1,4	-6,1	2,0
Setúbal	5,3	3,4	9,7	11,0	7,3	5,3	-0,3	-2,5	-3,1	2,0

## C. Internacionalização

### C . 2. valor médio dos levantamentos multibanco internacionais (SIBS)

Em termos gerais, mantém-se, para o conjunto da Região e em cada uma das suas 5 sub-regiões, o habitual padrão cíclico com picos no 3º trimestre de cada ano e valores mínimos no primeiro.

A evolução, nos dois últimos trimestres, do valor médio por levantamento internacional traduz uma recuperação significativa por parte da Grande Lisboa e, pelo contrário, resultados algo desfavoráveis em vários dos municípios ao longo do Vale do Tejo.

A Península de Setúbal, com resultados menos positivos no segundo semestre de 2003 face ao período homólogo do ano anterior, parece ter iniciado um período de recuperação.

variação percentual  
 inferior a -2,0 % de -2,0 % a 2,0 % superior a 2,0 %

## Comentário Final

A informação disponível permite retirar as seguintes ilações:

- Os sensores de *expansão residencial* (novos contadores EPAL/Lisboa e novas linhas residenciais PT) apontam para o início do segundo semestre de 2003 como um ponto de inflexão face à tendência negativa que se fazia sentir pelo menos desde o início de 2001.
- Os sensores de *consumo familiar* apresentam comportamentos algo distintos:
  - a) O sensor utilizado para o domínio da água (concelho de Lisboa) parece indiciar, durante 2003, uma desaceleração da retoma dos níveis de consumo de água doméstica que se fazia sentir desde o início de 2001.
  - b) Os sensores relativos à concessão de crédito à habitação reflectem uma situação de estabilidade positiva durante 2003 (o que representa uma melhoria face aos resultados dos últimos três trimestres do ano anterior), mas essa situação é subitamente interrompida, no primeiro trimestre de 2004, por um contexto de dupla retracção (diminuição do total de pedidos aprovados e do valor médio do crédito concedido).
  - c) Os sensores relativos ao recurso a levantamentos Multibanco nacionais mostram que, no segundo trimestre de 2004, são diversos os municípios da Região em que as famílias efectuam levantamentos mais numerosos mas em média mais reduzidos, o que poderá indiciar dificuldades financeiras acrescidas.

O início de 2004 revela-se, assim, problemático do ponto de vista da evolução da capacidade de consumo das famílias da RLVT

- Os sensores de *internacionalização* (recurso a levantamentos Multibanco internacionais) sugerem, para os dois primeiros trimestres de 2004, um comportamento positivo num número significativo de municípios da Região (levantamentos mais numerosos e em média mais avultados), embora aquém do quadro favorável que se observou durante o período 3º trimestre de 2002 – 2º trimestre de 2003.
- Em *termos sub-regionais*, e embora os vários sensores revelam comportamentos não coincidentes, é possível afirmar genericamente o seguinte:
  - a) A Grande Lisboa é a sub-região onde os processos de retoma tendem a verificar-se mais cedo e a ser mais intensos;
  - b) A Península de Setúbal revela-se particularmente vulnerável a períodos de quebra ou crise;
  - c) O Oeste é a sub-região com comportamento mais instável;
  - d) O Médio Tejo (excepto sensores de internacionalização) e, sobretudo, a Lezíria apresentam, por comparação com as restantes sub-regiões, comportamentos menos variáveis ao longo do período analisado.





# DOMÍNIO PESSOAS



## Nota Metodológica

A metodologia dos Sensores<sup>1</sup>, ensaiada no âmbito da Monitorização do Plano Estratégico para a Região de Lisboa e Vale do Tejo, teve como objectivo identificar níveis de informação de grande sensibilidade que funcionassem como “analísadores” da situação em cada uma das áreas de observação e que permitissem seguir, no tempo, a evolução da região. Tratam-se assim de níveis de observação que funcionam como “síntese-activa” de situações sociais que se pretendem observar.

Optou-se, nesta fase, por sensores de produção estatística trimestral que desse informação sobre o conjunto da região.

Assim, os sensores analisados neste relatório dizem respeito:

- Dinâmica do Desemprego
- Evolução da incidência da SIDA

Nesta primeira fase, foi possível considerar os seguintes sensores no domínio de monitorização “Pessoas”:

### A. Desemprego

- Sensor A.1: Evolução Regional do Emprego (Outubro 2002 a Setembro 2003)
- Sensor A.2: Evolução dos Desempregados com Ensino Superior (Outubro 2002 a Setembro 2003)
- Sensor A.3: Evolução dos Desempregados Jovens - menos de 25 anos (Outubro 2002 a Setembro 2003)
- Sensor A.4: Evolução dos Desempregados Adultos com mais de 45 anos (Outubro 2002 a Setembro 2003)
- Sensor A.5: Evolução do Desemprego Feminino (Outubro 2002 a Setembro 2003)

### B. Saúde

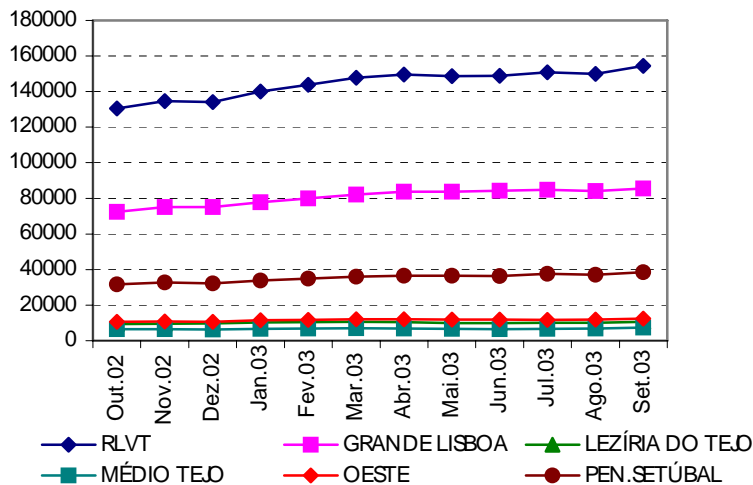
- Sensor B.1: Evolução da incidência de Sida (2001 a 2003)

---

<sup>1</sup> Note-se que alguns dos sensores apresentados nesta sinopse se repetem em capítulos posteriores em que são sistematizadas todas as dimensões de análise com uma análise regional e sub-regional. Tal opção metodológica fica a dever-se à necessidade de incluir uma reflexão conjunta das dinâmicas que destaquem as principais conclusões a retirar da análise dos referidos sensores.

## Sensor A.1 - Evolução Regional do Desemprego

### Evolução Regional



### Varição mensal por sub-regiões

	Nov.02	Dez.02	Jan.03	Fev.03	Mar.03	Abr.03	Mai.03	Jun.03	Jul.03	Ago.03	Set.03
RLVT	3,12	-0,32	4,33	2,75	2,69	1,30	-0,59	0,13	1,34	-0,63	3,02
GRANDE LISBOA	3,65	0,22	3,37	2,85	2,74	1,98	0,07	0,55	0,60	-0,78	1,78
LEZÍRIA DO TEJO	3,04	2,53	5,33	1,19	1,31	-1,34	-4,84	-0,06	2,00	-0,34	5,46
MÉDIO TEJO	-0,98	-3,59	5,52	3,69	1,84	-1,16	-2,78	-3,60	3,92	2,46	6,70
OESTE	1,64	-1,35	7,10	2,46	3,31	-0,63	-1,78	0,63	-1,19	0,11	5,61
PEN.SETÚBAL	3,27	-1,39	5,12	2,90	2,96	1,66	-0,10	-0,24	3,22	-1,17	3,66



## A. Desemprego

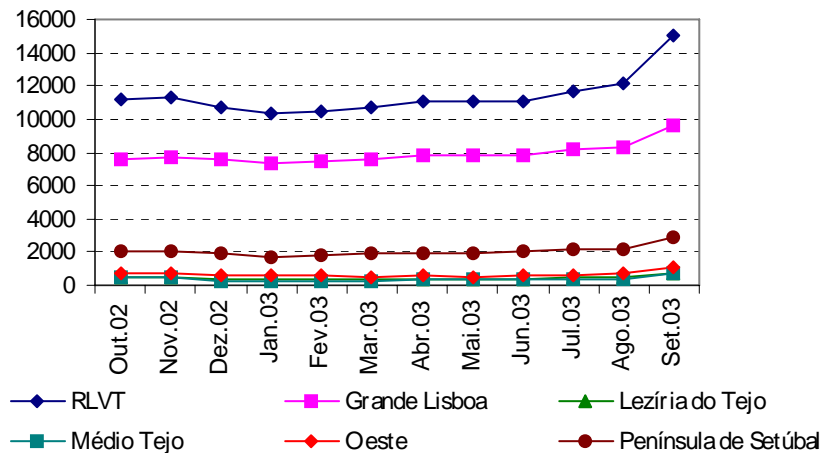
### A.1. Evolução Regional do Emprego

O desemprego é o fenómeno que, à semelhança das tendências registadas no país, continua a manifestar um crescendo constante. Tal é particularmente visível no período que compreende os meses de Outubro de 2002 a Setembro de 2003.

Mesmo a sazonalidade de algumas actividades que poderão levar a maiores índices de empregabilidade algumas épocas do ano – mais preponderante no período de Verão – não parece ter exercido influência significativa sobre o emprego. As variações mensais negativas são seguidas de variações acima dos 5%, o que deverá ser explicado pela dita sazonalidade de algumas actividades, no entanto, a constante parece situar-se numa variação média mensal que varia entre os 0 e os 5%.

## Sensor A.2 - Evolução dos Desempregados com Ensino Superior

### Evolução Regional



### A. Desemprego

#### A.2. Evolução dos Desempregados com Ensino Superior

A análise do número de licenciados na estrutura do desemprego regional permite-nos concluir pela emergência deste grupo. Trata-se de um grupo que, em termos absolutos, tem vindo a aumentar ligeiramente desde Janeiro de 2003, tendo atingido o seu máximo em Setembro de 2003, para todas as sub-regiões.

É na Grande Lisboa que o peso dos licenciados atinge um maior valor percentual, se bem que em todas as restantes sub-regiões se registre uma tendência de aumento do peso deste grupo na estrutura de desemprego

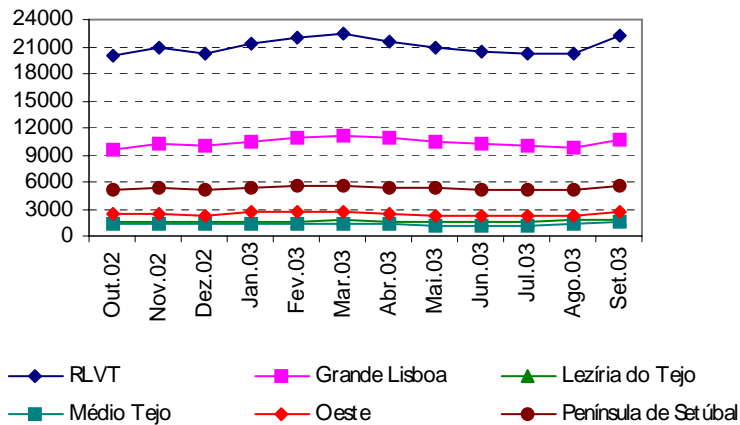
### Peso na estrutura do Desemprego

	Out.02	Nov.02	Dez.02	Jan.03	Fev.03	Mar.03	Abr.03	Mai.03	Jun.03	Jul.03	Ago.03	Set.03
RLVT	8,58	8,44	7,97	7,37	7,28	7,24	7,40	7,43	7,46	7,77	8,07	9,76
Grande Lisboa	10,39	10,28	10,02	9,47	9,35	9,24	9,38	9,31	9,28	9,61	9,90	11,18
Lezíria do Tejo	4,79	4,51	3,97	3,47	3,59	3,49	3,73	3,99	4,00	4,24	4,81	7,02
Médio Tejo	7,50	6,88	4,80	4,41	4,24	4,22	4,93	4,93	5,07	5,67	6,12	10,06
Oeste	6,68	6,58	5,65	4,95	4,74	4,44	4,50	4,57	4,80	5,36	5,91	8,84
Península de Setúbal	6,39	6,30	5,80	5,14	5,08	5,29	5,36	5,44	5,48	5,69	5,87	7,62

0 a 5% De 5% a 10% Mais de 10%

## Sensor A . 3 - Evolução do Desempregados Jovens - com menos de 25 anos

### Evolução Regional



### A. Desemprego

#### A . 3. Evolução dos Desempregados jovens – com menos de 25 anos

A evolução do número de jovens desempregados ao longo do período em análise não tem sido muito variável.

Tal faz com que, face a um aumento do número de desempregados, a tendência seja de estabilização senão mesmo de diminuição do peso deste grupo na estrutura de desemprego regional e mesmo sub-regional. A diminuição do peso deste grupo é particularmente visível nas sub-regiões que integram a AML.

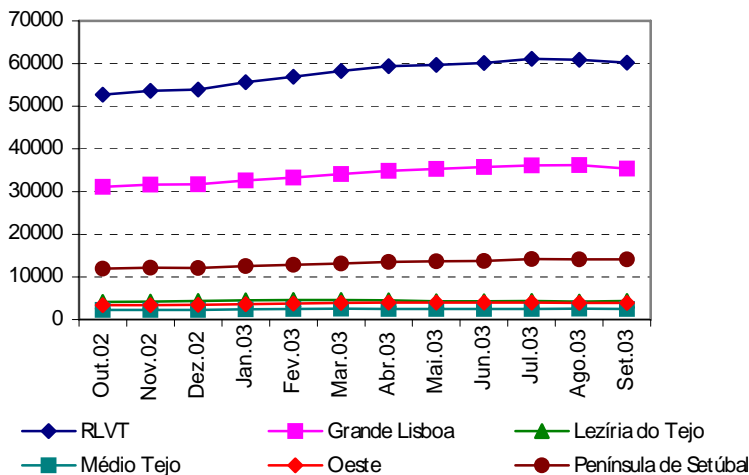
### Peso na estrutura do Desemprego

	Out.02	Nov.02	Dez.02	Jan.03	Fev.03	Mar.03	Abr.03	Mai.03	Jun.03	Jul.03	Ago.03	Set.03
RLVT	15,3	15,5	15,1	15,3	15,3	15,2	14,5	14,0	13,7	13,4	13,5	14,4
Grande Lisboa	13,2	13,5	13,4	13,5	13,6	13,7	13,1	12,5	12,2	11,8	11,6	12,5
Lezíria do Tejo	16,3	16,2	15,2	15,4	15,5	15,9	15,5	15,6	15,9	16,0	16,9	17,2
Médio Tejo	21,6	21,3	20,6	20,1	20,1	19,9	18,8	18,1	17,7	17,9	19,1	20,2
Oeste	22,4	22,6	21,6	22,3	22,1	21,3	19,7	19,7	19,0	19,0	19,6	21,0
Península de Setúbal	16,0	16,2	15,6	15,9	16,0	15,5	14,8	14,5	13,9	13,8	13,8	14,6

Menos de 10%    De 10% a 20%    Mais de 20%

## Sensor A . 4 - Evolução dos Desempregados Adultos - com mais de 45 anos

### Evolução Regional



### A. Desemprego

#### A . 4. Evolução dos Desempregados adultos – com mais de 45 anos

A percentagem de adultos com mais de 45 anos na estrutura do desemprego também parece ter estabilizado, pelo menos no que respeita ao último semestre em análise. As conclusões retiradas tendo por base estes dois grupos – os jovens e os adultos com mais de 45 anos – tradicionalmente considerados grupos de risco face ao emprego - fazem sobressair o facto de um grupo não usualmente afectado pelo desemprego estar a ser mais penalizado: precisamente aquele que se situa em plena vida activa (entre os 25 e os 45 anos).

É na Grande Lisboa e na Lezíria do Tejo que o grupo de pessoas com mais de 45 anos é mais penalizado pelo desemprego, representando ao longo do período em análise, um peso sempre acima dos 40%.

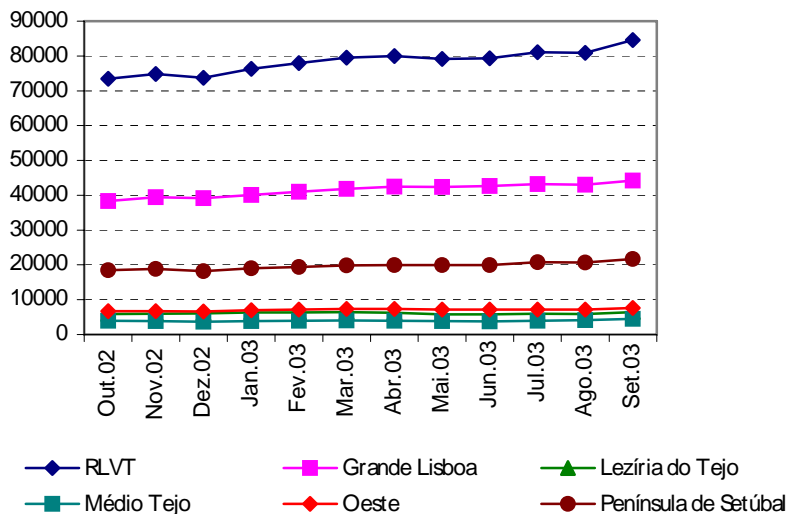
### Peso na estrutura do Desemprego

	Out.02	Nov.02	Dez.02	Jan.03	Fev.03	Mar.03	Abr.03	Mai.03	Jun.03	Jul.03	Ago.03	Set.03
RLVT	40,41	39,87	40,17	39,76	39,57	39,44	39,69	40,13	40,42	40,50	40,61	39,01
Grande Lisboa	43,00	42,21	42,16	41,93	41,68	41,57	41,61	42,13	42,43	42,66	43,02	41,37
Lezíria do Tejo	44,33	43,95	44,78	43,56	43,59	43,29	43,14	43,06	42,95	42,84	41,79	40,91
Médio Tejo	34,34	35,08	36,55	36,72	36,36	36,15	36,56	37,42	38,25	37,45	36,94	33,95
Oeste	31,57	31,14	32,48	31,66	31,94	32,14	33,03	33,31	33,34	33,56	32,86	31,57
Península de Setúbal	37,59	37,16	37,39	36,98	36,75	36,56	37,10	37,45	37,76	37,73	37,97	36,59

Menos de 20%    De 20% a 40%    Mais de 40%

## Sensor A.5 - Evolução do Desemprego Feminino

### Evolução Regional



### A. Desemprego

#### A.5. Evolução do desemprego feminino

As mulheres continuam a representar a maioria na estrutura do desemprego, sendo que em números absolutos tem vindo a aumentar no período em análise.

Esse aumento não provoca, no entanto, alterações na estrutura de desemprego. As mulheres representam em todas as sub-regiões, mais de 50% dos desempregados, não se apresentando variações significativas nesta percentagem.

É no Oeste que se verifica maior dificuldade de empregabilidade das mulheres, representando em todo o período em análise mais de 60% do total de desempregados registados.

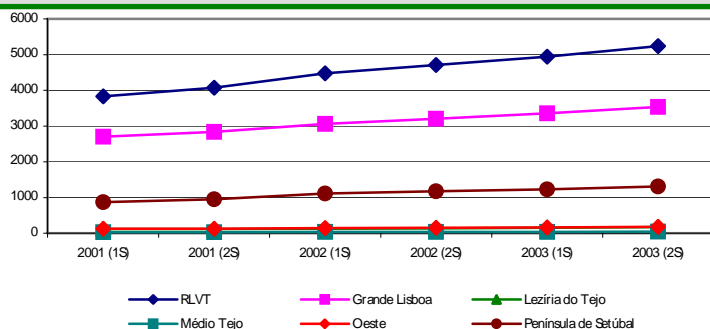
### Peso na estrutura do Desemprego

	Out.02	Nov.02	Dez.02	Jan.03	Fev.03	Mar.03	Abr.03	Mai.03	Jun.03	Jul.03	Ago.03	Set.03
RLVT	56,25	55,61	54,96	54,53	54,18	53,83	53,46	53,21	53,26	53,71	53,96	54,73
Grande Lisboa	53,06	52,56	52,12	51,62	51,32	50,99	50,71	50,62	50,61	50,95	51,16	51,72
Lezíria do Tejo	63,45	62,86	62,29	61,53	60,88	60,54	59,80	58,60	58,64	59,16	58,55	60,45
Médio Tejo	60,77	59,67	58,41	58,10	58,40	57,95	57,66	57,55	57,75	58,76	60,10	61,49
Oeste	62,98	62,03	61,44	61,11	60,76	60,74	60,94	60,38	60,32	60,82	61,03	61,60
Península de Setúbal	58,22	57,52	56,55	56,16	55,69	55,20	54,70	54,57	54,80	55,35	55,67	56,34

Menos de 50%    Entre 50% e 60%    Mais de 60%

## Sensor B.1 - Evolução da incidência de SIDA

### Evolução Regional



### Peso dos Casos de SIDA por 100.000 habitantes

	2001 (1S)	2001 (2S)	2002 (1S)	2002 (2S)	2003 (1S)	2003 (2S)
<b>RLVT</b>	<b>110,50</b>	<b>117,42</b>	<b>129,09</b>	<b>135,63</b>	<b>142,41</b>	<b>150,91</b>
<b>Grande Lisboa</b>	<b>142,64</b>	<b>149,93</b>	<b>161,76</b>	<b>169,37</b>	<b>177,19</b>	<b>186,86</b>
Amadora	97,23	103,48	112,01	121,11	135,89	163,76
Cascais	139,44	141,78	145,30	150,57	151,74	154,09
Lisboa	276,98	289,20	312,58	325,51	335,07	346,58
Loures	107,50	117,55	124,08	127,60	133,13	139,66
Odivelas	44,83	50,80	59,77	63,51	74,71	78,45
Oeiras	117,19	123,98	133,85	144,95	151,12	155,44
Sintra	51,41	54,71	56,91	60,76	65,43	73,40
Vila Franca de Xira	61,83	64,28	82,18	83,80	94,38	103,33
<b>Lezíria do Tejo</b>	46,92	50,24	53,56	54,81	62,28	68,93
Almeirim	36,43	36,43	40,99	45,54	50,10	59,21
Alpiarça	74,78	99,70	99,70	99,70	99,70	112,16
Azambuja	43,19	62,39	71,98	71,98	76,78	76,78
Benavente	25,80	30,10	30,10	30,10	34,40	43,00
Cartaxo	47,03	47,03	55,58	55,58	64,13	68,41
Chamusca	17,40	17,40	17,40	17,40	17,40	17,40
Coruche	23,44	28,13	28,13	28,13	28,13	28,13
Golegã	17,51	17,51	17,51	17,51	17,51	17,51
Rio Maior	33,16	33,16	37,90	37,90	37,90	47,37
Salvaterra de Magos	34,72	29,76	34,72	34,72	44,64	49,60
Santarém	80,24	81,81	83,38	86,53	103,83	114,85
<b>Médio Tejo</b>	12,83	12,83	14,15	15,92	17,69	19,02
Abrantes	9,47	9,47	9,47	11,84	14,21	14,21
Alcanena	20,55	20,55	20,55	27,40	27,40	27,40
Constância	26,21	26,21	26,21	26,21	26,21	26,21
Entroncamento	22,01	22,01	38,52	38,52	38,52	38,52
Ferreira do Zêzere	10,61	10,61	10,61	10,61	10,61	10,61
Ourém	4,33	4,33	4,33	4,33	4,33	6,49
Sardoal	24,37	24,37	24,37	24,37	24,37	24,37
Tomar	20,93	20,93	20,93	23,25	30,23	32,55
Torres Novas	5,42	5,42	5,42	8,13	8,13	8,13
V. Nova da Barquinha	26,28	26,28	26,28	26,28	26,28	39,42
<b>Oeste</b>	30,93	32,95	35,49	38,53	41,83	44,61
Alcobaça	17,61	21,13	21,13	22,89	24,65	24,65
Alenquer	5,10	5,10	5,10	5,10	5,10	7,66
Arruda dos Vinhos	9,66	9,66	9,66	9,66	19,32	19,32
Bombarral	22,51	22,51	37,52	45,03	45,03	45,03
Cadaval	7,17	14,34	14,34	14,34	14,34	14,34
Caldas da Rainha	38,90	38,90	42,99	45,04	49,14	53,23
Lourinhã	30,09	30,09	30,09	30,09	30,09	30,09
Mafra	34,95	34,95	38,63	42,31	45,99	45,99
Nazaré	26,56	39,84	59,76	59,76	59,76	59,76
Óbidos	36,78	36,78	36,78	36,78	36,78	55,17
Peniche	91,52	98,84	106,16	124,47	146,43	161,08
Sobral Monte Agraço	s/d	s/d	s/d	s/d	s/d	s/d
Torres Vedras	37,37	38,75	37,37	40,14	41,52	44,29
<b>Península de Setúbal</b>	<b>121,61</b>	<b>133,64</b>	<b>156,03</b>	<b>164,99</b>	<b>172,27</b>	<b>183,74</b>
Alcochete	46,12	53,80	53,80	61,49	53,80	53,80
Almada	260,53	286,02	343,85	359,39	373,70	400,43
Barreiro	103,78	110,11	108,85	113,91	118,97	124,03
Moita	2,97	10,38	14,83	20,76	23,72	29,65
Montijo	68,93	79,15	86,81	97,02	99,57	102,12
Palmela	50,61	50,61	56,23	61,85	63,73	69,35
Seixal	73,87	90,50	114,46	121,78	129,76	141,08
Sesimbra	55,90	63,89	95,83	103,81	103,81	109,14
Setúbal	152,72	154,47	164,13	172,02	180,80	187,82

## B. Saúde

### B.1. Evolução da incidência de SIDA

O grande peso dos casos de SIDA em toda a RLVT tem-se concentrado nas duas sub-regiões da AML – Grande Lisboa e Península de Setúbal. Apesar de haver um aumento ligeiro destes casos nas restantes sub-regiões, no período em análise, tal não teve efeitos na estrutura da distribuição sub-regional da doença.

Na AML quer no 1º Semestre de 2001, quer no fim do 2º Semestre de 2003, contavam-se 93% dos casos registados de SIDA em toda a região.

O peso dos casos de SIDA na população residente em cada uma das sub-regiões, também é mais significativo na AML. Almada e Lisboa são os dois concelhos que ao longo dos seis semestres em análise registam sempre mais de 250 casos de SIDA por 100.000 habitantes. Conclui-se que, regra geral são as zonas mais urbanas que estão a ser mais afectadas por este problema. Destaca-se, em sinal de alerta, o caso de Peniche, que no fim do 1º semestre de 2001 tinha cerca de 92 casos por 100.000 habitantes, tendo vindo a aumentar esse peso gradualmente, sendo que no último semestre de 2003, já se registava um valor de cerca de 162 casos por 100.000 habitantes.

Interior a 100 por 100000 De 100 a 200 por 100000 Mais de 200 por 100000



A dimensão *Pessoas*, ao nível do Relatório dos Sensores, decidiu centrar a sua atenção nas dinâmicas de “qualidade de vida e de coesão social” da Região através da análise de dois níveis de análise: as dinâmicas de emprego e a saúde (manifestação de casos de Sida)

### **A. DINÂMICA DO EMPREGO: aumento das situações de vulnerabilidade**

- Ao nível da dinâmica de Emprego, a RLVT, manifesta uma situação negativa nos últimos 3 anos (2000-2003) que se traduz pelo aumento de cerca de 30.000 desempregados que representam mais 24% de desempregados do que no início do período.
- Este aumento parece estar a afectar grupos da população que geralmente escapam a este fenómeno, sintoma das fragilidades actuais sentidas no mercado de trabalho. Para além da precariedade da inserção no mercado de trabalho referenciada pela percentagem elevada de trabalhadores com contrato a termo certo, a análise do desemprego permite situar:
  - O aumento do peso dos licenciados na estrutura do desemprego,
  - O peso do desemprego jovem e o desemprego para aqueles com mais de 45 anos manifesta tendências de ligeiro decréscimo,
  - Também o peso das mulheres desempregadas regista uma diminuição, se bem que pouco significativa (continuando a representar mais de metade do total dos desempregados da região).
  - A dinâmica de desemprego por sub-regiões apresenta as seguintes características:
    - A Grande Lisboa é a sub-região que mais contribui (em termos absolutos) para o desemprego na região, tendo em Setembro de 2003 mais de 17.500 desempregados do que no primeiro período, o que significa um agravamento de 25,7% no número de desempregados.
    - A sub-região da Península de Setúbal segue as tendências registadas nas restantes sub-regiões, através de um aumento significativo do número absoluto de desempregados em Setembro de 2003, tendo por comparação Janeiro de 2000. Refira-se que esta é a região em que a variação de desempregados neste período foi mais elevada.
    - Tal como registado para as restantes sub-regiões, o Oeste aumenta em número absoluto o número de desempregados, no terceiro trimestre de 2003, comparativamente com Janeiro de 2000.
    - As dinâmicas que caracterizam o sistema de inserção profissional no Vale do Tejo são relativamente peculiares dando mostras da sua diferenciação, principalmente no que respeita à Área Metropolitana de Lisboa. O Médio Tejo e a Lezíria do Tejo, manifestam o valor mais reduzido dos desempregados em Setembro de 2003.

---

## B. SAÚDE: aumento das situações de vulnerabilidade

Não havendo uma relação de causa efeito entre as condições de acesso aos serviços e os impactes na situação de saúde da população é de pensar que estas variáveis estão positivamente relacionadas. A SIDA é uma doença que é um analisador preferencial , não apenas sobre a situação de protecção na saúde de uma população mas, e sobretudo, dos níveis de informação e do comportamento social dos cidadãos estando fortemente relacionado com o consumo de substâncias tóxicas.

- A SIDA (bem como a Tuberculose ) são doenças cuja evolução manifesta crescimento desde 2001, o que não é um sinal positivo, principalmente nas sub-regiões que integram a Área Metropolitana de Lisboa. É na AML que se concentram, 93% dos casos de SIDA penalizando fortemente a Grande Lisboa e a Península de Setúbal.

DOMÍNIO  
ORGANIZAÇÕES  
COMPETITIVIDADE E  
INTERNACIONALIZAÇÃO



## Nota Metodológica

Nesta primeira fase, foi possível considerar os seguintes sensores no domínio de monitorização “Organização – Competitividade e Internacionalização”:

### A. Expansão Empresarial

- Sensor A.1. – Instalação de novos contadores, não domésticos, da EPAL
- Sensor A.2. – Consumo empresarial de água (EPAL)

### B. Consumo Privado

- Sensor B.1. - Indicador de Confiança dos Consumidores: Opiniões face à Conjuntura
- Sensor B.2. – Perspectivas de Consumo

### C. Emprego

- Sensor C.1. – População Activa e População Empregada
- Sensor C.2. – Emprego por Ramos de Actividade

### D. Comércio Internacional

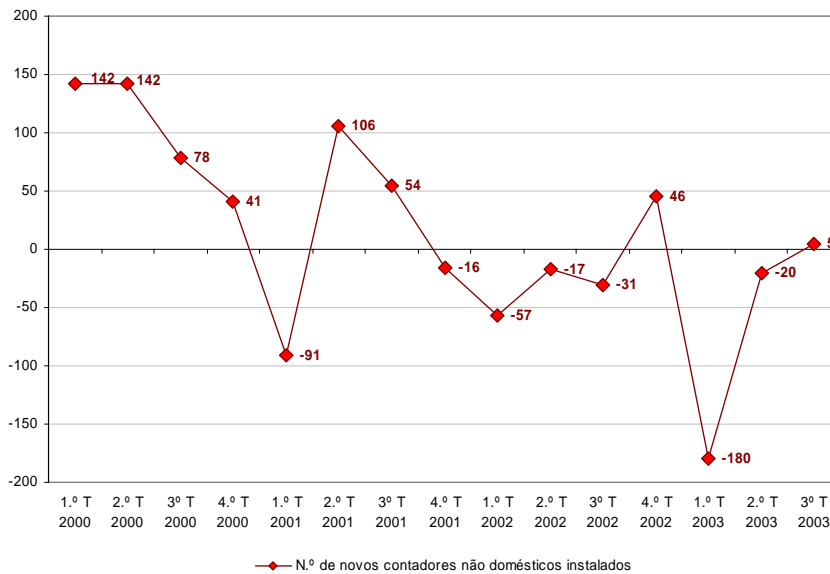
- Sensor D.1. – Exportações e Importações Intra e Extra UE15
- Sensor D.2. – Exportações dos principais produtos
- Sensor D.3. – Importações dos principais produtos

### E. Investimento em Construção

- Sensor E.1. – Licenças de construção concedidas
- Sensor E.2. – Investimento - Inquérito de conjuntura aos consumidores

## Sensor A . 1 - Instalação de novos contadores não domésticos da EPAL

### Evolução trimestral no concelho de Lisboa



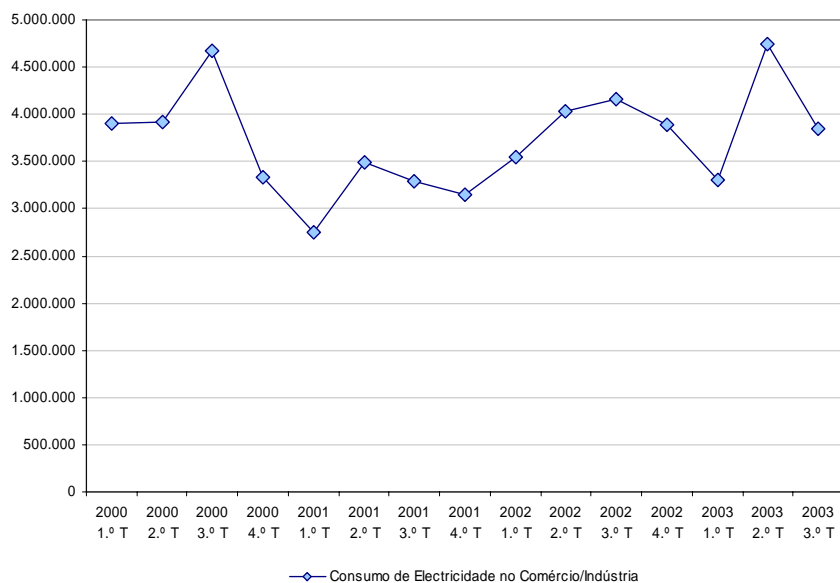
### A. Expansão empresarial

#### A.1 . Instalação de novos contadores não domésticos da EPAL

A evolução trimestral de novos contadores de água, não domésticos, instalados no concelho de Lisboa sugere uma tendência de retracção, tendo-se atingido um patamar particularmente baixo no 1.º trimestre de 2003 (no qual se regista uma considerável diminuição do número de contadores instalados). Esta tendência de retracção reflecte-se numa média trimestral de instalação de novos contadores não domésticos, ao longo do período considerado, bastante reduzida, cerca de 13 contadores. O comportamento de retracção na instalação de novos contadores é marcado, também, por um padrão de natureza sazonal, caracterizado pela ocorrência de valores mínimos no primeiro trimestre de cada ano (inverno)

## Sensor A . 2 - Consumo empresarial de água (EPAL)

Evolução trimestral do consumo do Comércio/Indústria no concelho de Lisboa (m3)



### A. Expansão empresarial

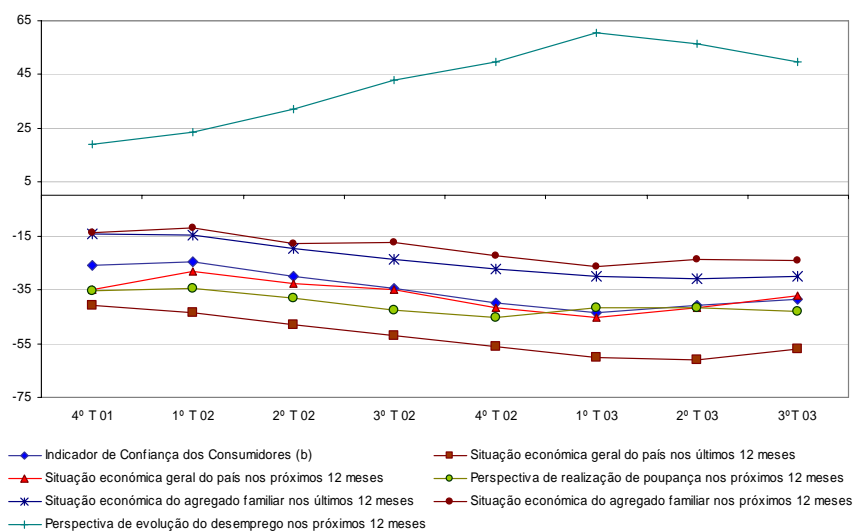
#### A.2. Consumo de água do Comércio/Indústria (EPAL)

A evolução do consumo de água (EPAL), no concelho de Lisboa, por parte do Comércio/Indústria apresentou uma fase de retração que englobou todo o ano 2000 e o primeiro semestre de 2001, seguida de uma fase de retoma dos valores de consumo, desde o 2º trimestre de 2001 até ao 2º trimestre de 2003.

Esta evolução do consumo é também marcada por um fenómeno de natureza sazonal, caracterizado pela ocorrência de valores mínimos no primeiro e quarto trimestres de cada ano (Inverno/Outono) e por valores máximos no segundo e terceiro trimestre (Primavera/Verão).

## Sensor B .1 - Indicador de Confiança dos Consumidores: Opiniões face à conjuntura

Inquérito de Conjuntura aos Consumidores da região de Lisboa e Vale do Tejo (Opiniões) (média móvel de 3 meses sobre valores efectivos do SRE<sup>(a)</sup>)



Fonte: INE, Boletins Trimestrais de Estatística da Região de Lisboa e Vale do Tejo, 3º Trimestre de 2003 e 4º Trimestre de 2002

Nota: (a) SRE – Saldo de Respostas Extremas – corresponde à diferença ponderada entre o conjunto de respostas de natureza positiva com as de natureza negativa

(b) Indicador de Confiança dos Consumidores – é considerado um indicador avançado do Consumo Privado e resulta da média aritmética dos Saldos de Respostas Extremas (SRE) das seguintes questões do Inquérito de Conjuntura aos Consumidores: situação económica do agregado familiar nos próximos 12 meses, perspectivas de evolução da situação económica geral do país para os próximos 12 meses, perspectiva de evolução do desemprego nos próximos 12 meses (com sinal invertido) e perspectiva de realização de poupança nos próximos 12 meses.

## B. Consumo privado

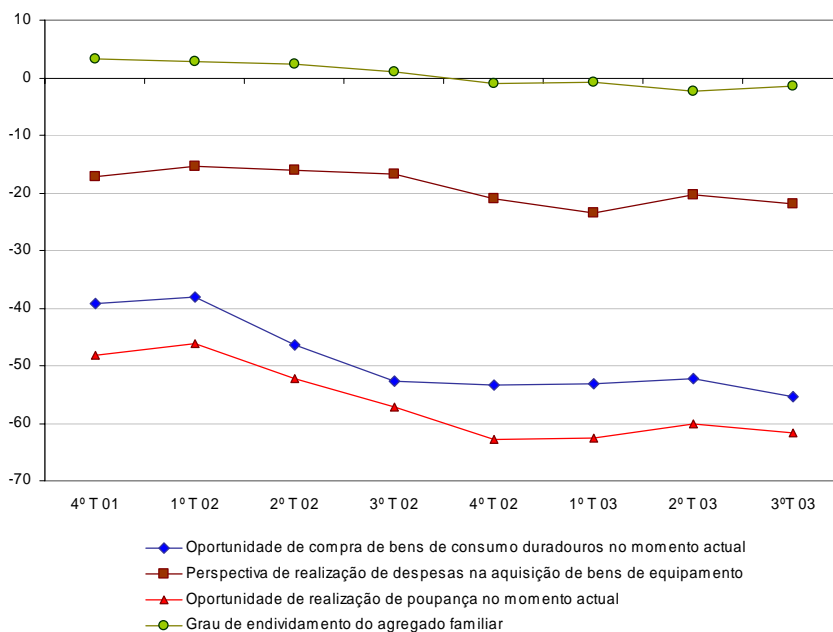
### B.1. Indicador de Confiança dos Consumidores: Opiniões face à Conjuntura

O nível de confiança dos consumidores da região de Lisboa e Vale do Tejo registou uma evolução descendente até ao primeiro trimestre de 2003. Este agravamento na confiança dos consumidores é justificado por opiniões mais pessimistas em relação às perspectivas relativas à evolução do desemprego, à de realização de poupança, à situação económica geral do país e à situação do agregado familiar nos próximos 12 meses.

No 3º trimestre de 2003, os consumidores da região evidenciaram menor pessimismo, reforçando a evolução ascendente do Indicador de Confiança registada no trimestre anterior. A melhoria no nível de confiança dos consumidores resultou de opiniões mais favoráveis face à evolução da situação económica geral do país e do desemprego nos próximos 12 meses. Contudo, no que concerne às perspectivas de poupança para o próximo ano as opiniões foram mais pessimistas e relativamente à situação económica do agregado familiar o nível de pessimismo manteve-se.

## Sensor B . 2 - Perspectivas de Consumo

Inquérito de Conjuntura aos Consumidores da região de Lisboa e Vale do Tejo (Opiniões) (média móvel de 3 meses sobre valores efectivos do SRE<sup>(a)</sup>)



Fonte: INE, Boletins Trimestrais de Estatística da Região de Lisboa e Vale do Tejo, 3º Trimestre de 2003 e 4º Trimestre de 2002

Nota: (a) SRE – Saldo de Respostas Extremas – corresponde à diferença ponderada entre o conjunto de respostas de natureza positiva com as de natureza negativa

## B. Consumo privado

### B.2. Perspectivas de Consumo

A apreciação dos consumidores da região de Lisboa e Vale do Tejo em relação à oportunidade de compra de bens duradouros no momento actual registou uma evolução descendente desde o quarto trimestre de 2001 até ao terceiro trimestre de 2003. O agravamento da relutância dos consumidores da região face à oportunidade de compra destes bens contribuiu para que, no 3º trimestre de 2003, se tenha atingido o valor mínimo dos últimos 5 anos.

Este pessimismo afectou também as perspectivas de realização de poupança no momento actual.

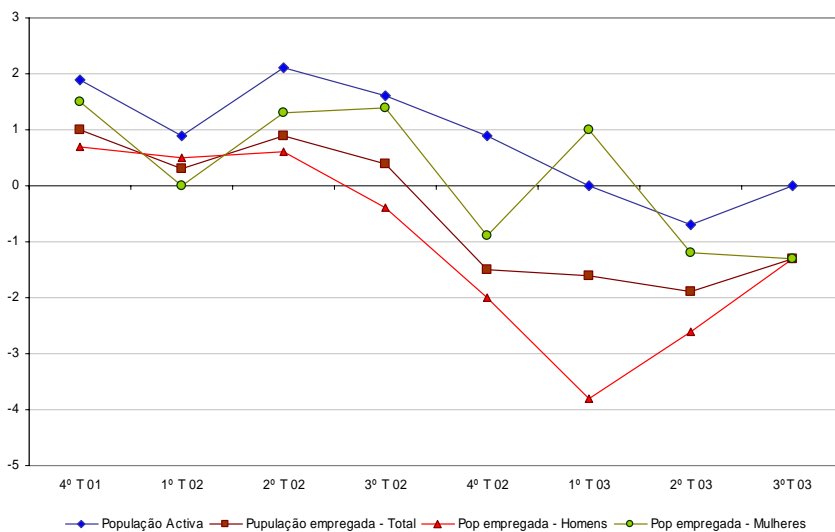
As perspectivas de aquisição de bens de equipamento diminuíram ligeiramente até ao primeiro trimestre de 2003 e, apesar da recuperação iniciada no segundo trimestre de 2003, no terceiro trimestre desse ano as opiniões voltaram a ser mais pessimistas.

As opiniões dos consumidores da região revelaram uma tendência de menor recurso ao endividamento, tendo-se no quarto trimestre de 2002, começado a assistir, inclusivamente a resultados negativos neste indicador, indiciando níveis de consumo inferiores ao rendimento familiar.



## Sensor C . 1 - População Activa e População Empregada

Varição homóloga da População Activa e População Empregada na Região de Lisboa e Vale do Tejo (%)



Fonte: INE, Boletins Trimestrais de Estatística da Região de Lisboa e Vale do Tejo, 3º Trimestre de 2003 e 4º Trimestre de 2002

## C. Emprego

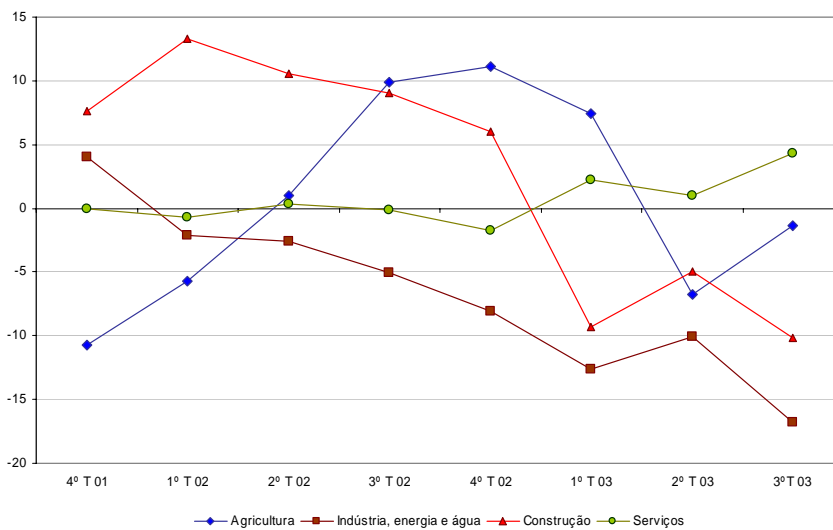
### C.1. População Activa e População Empregada

No terceiro trimestre de 2003 a evolução da população activa da Região de Lisboa e Vale do Tejo, contrariou a tendência descendente desenhada até então.

O emprego da Região continuou, no terceiro trimestre de 2003, a diminuir em termos homólogos, evolução esta assinalada em ambos os sexos. Contudo, no emprego feminino o decréscimo registado foi superior ao do semestre passado, enquanto que no emprego masculino foi bastante inferior.

## Sensor C . 2 - Emprego por Ramos de Actividade

Varição homóloga do emprego por ramos de actividade na região de Lisboa e Vale do Tejo (%)



Fonte: INE, Boletins Trimestrais de Estatística da Região de Lisboa e Vale do Tejo, 3º Trimestre de 2003 e 4º Trimestre de 2002

### C. Emprego

#### C.2. - Emprego por Ramos de Actividade

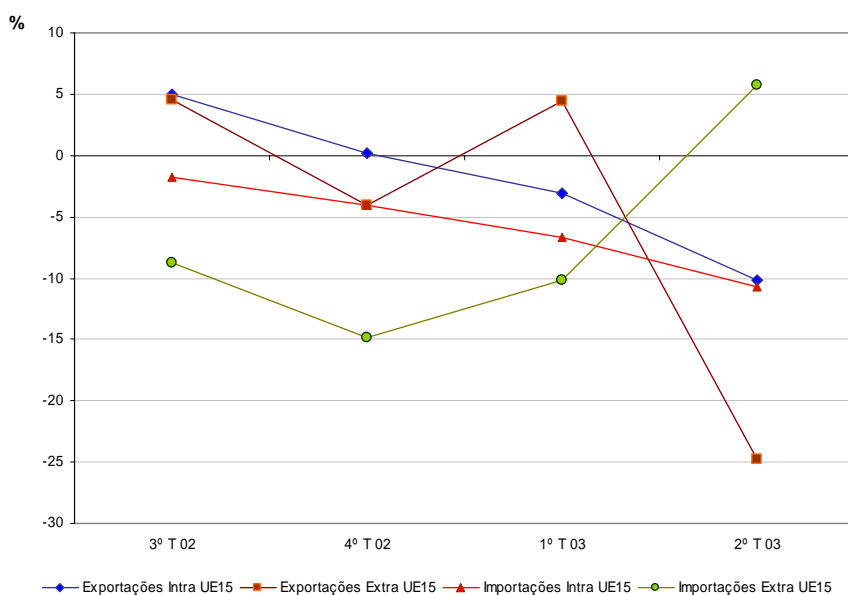
O emprego da região de Lisboa e Vale do Tejo, por ramos de actividade, apresentou comportamentos distintos no terceiro trimestre de 2003. Com efeito, o ramo dos serviços foi o único a demonstrar um aumento do emprego face ao mesmo período do ano anterior (reforçando-se a tendência ascendente iniciada no primeiro trimestre de 2003).

Na agricultura, silvicultura e pesca inverteu-se, no terceiro trimestre de 2003, a tendência decrescente iniciada no primeiro trimestre de 2003, apesar, contudo, de continuar a persistir uma variação homóloga negativa.

Na construção e na indústria, energia e água regista-se uma acentuada evolução descendente, tendo ambos os ramos apresentado no terceiro trimestre de 2003 variações homólogas negativas mais acentuadas que as registadas no trimestre anterior.

## Sensor D . 1 - Exportações e Importações Intra e extra UE15

Exportações e Importações Intra e Extra UE15 da Região de Lisboa e Vale do Tejo (variação homóloga sobre médias móveis de 3 meses)



Fonte: INE, Boletim Trimestral de Estatística da Região de Lisboa e Vale do Tejo, 3º Trimestre de 2003

### D. Comércio Internacional

#### D.1. - Exportações e Importações Intra e Extra UE15

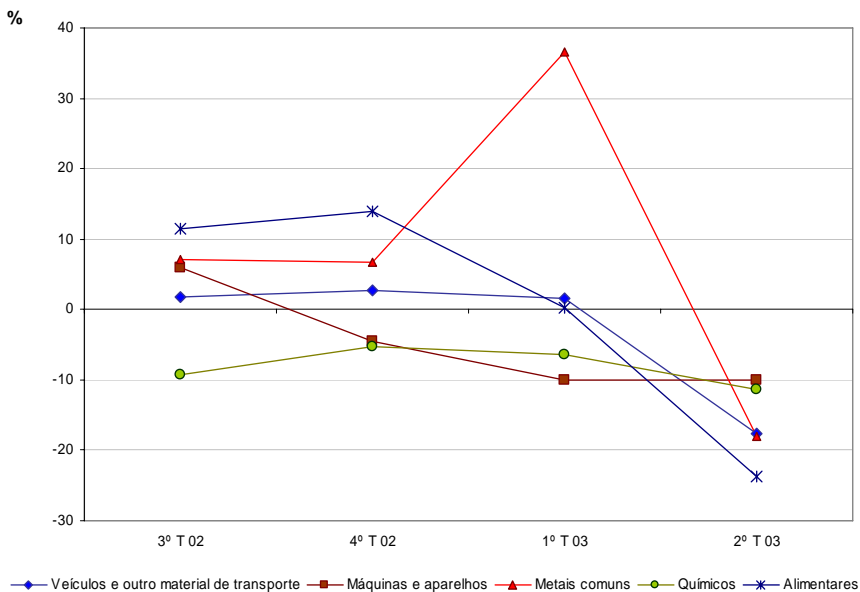
No que concerne aos fluxos de exportações e de importações extra e intra UE15, da Região de Lisboa e Vale do Tejo, verifica-se que, no 2º trimestre de 2003, apenas as importações extracomunitárias não exibiram variações homólogas negativas.

No que diz respeito ao comércio intracomunitário, os fluxos de entrada e de saída mantiveram a tendência decrescente, registando, no segundo trimestre de 2003, decréscimos homólogos mais acentuados que os assinalados no trimestre anterior.

As importações extracomunitárias reforçaram a sua tendência crescente tendo registado, no 2º trimestre de 2003, uma variação homóloga positiva, enquanto as exportações extracomunitárias, por oposição, evidenciaram neste trimestre uma variação homóloga negativa bastante acentuada.

## Sensor D . 2 - Exportações dos principais produtos

Exportações dos principais produtos (Intra e Extra UE15) na Região de Lisboa e Vale do Tejo (variação homóloga sobre médias móveis de 3 meses)



Fonte: INE, Boletim Trimestral de Estatística da Região de Lisboa e Vale do Tejo, 3º Trimestre de 2003

## D. Comércio Internacional

### D.2. - Exportações dos principais produtos

As exportações dos principais produtos da região de Lisboa e Vale do Tejo registaram, no segundo trimestre de 2003, variações homólogas negativas.

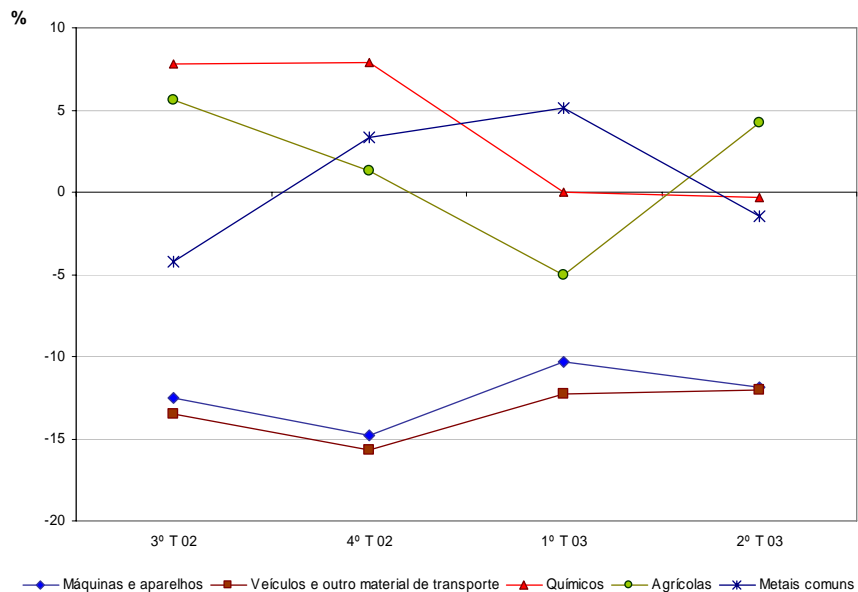
Os metais comuns, os veículos e outro material transporte e os produtos alimentares apresentaram até ao primeiro trimestre de 2003 variações homólogas positivas, invertendo no segundo trimestre esta situação.

Os produtos químicos continuaram, no segundo trimestre de 2003, a exibir variações homólogas negativas, tendo registado inclusivamente, neste trimestre, um decréscimo homólogo superior ao registado no trimestre anterior.

Relativamente às máquinas e aparelhos regista-se, no segundo trimestre de 2003 um decréscimo homólogo idêntico ao assinalado no trimestre anterior, contrariando, deste modo, a intensificação dos decréscimos homólogos desenhada até então.

## Sensor D . 3 - Importações dos principais produtos

Importações dos principais produtos (Intra e Extra UE15) na Região de Lisboa e Vale do Tejo (variação homóloga sobre médias móveis de 3 meses)



Fonte: INE, Boletim Trimestral de Estatística da Região de Lisboa e Vale do Tejo, 3º Trimestre de 2003

## D. Comércio Internacional

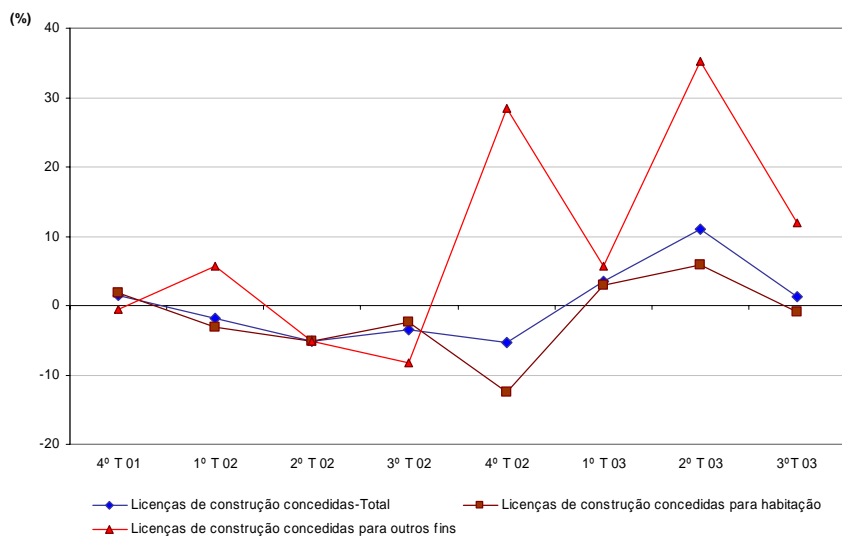
### D.3. - Importações dos principais produtos

Na Região de Lisboa e Vale do Tejo, as importações dos principais produtos, com exceção dos produtos agrícolas, registaram no segundo trimestre de 2003, variações homólogas negativas.

No que concerne às importações de metais comuns e produtos químicos regista-se, no segundo trimestre de 2003, uma intensificação dos decréscimos homólogos. Por oposição, no que diz respeito às importações de veículos e outro material de transporte e de produtos agrícolas observa-se um abrandamento dos decréscimos homólogos (passando no caso destes últimos a registar-se uma variação homóloga positiva.)

## Sensor E .1 - Licenças de construção concedidas

Licenças de construção concedidas na Região de Lisboa e Vale do Tejo  
(variação homóloga sobre médias móveis de 3 meses)



Fonte: INE, Boletins Trimestrais de Estatística da Região de Lisboa e Vale do Tejo, 3º Trimestre de 2003 e 4º Trimestre de 2002

## E. Investimento em Construção

### E.1. – Licenças de construção concedidas

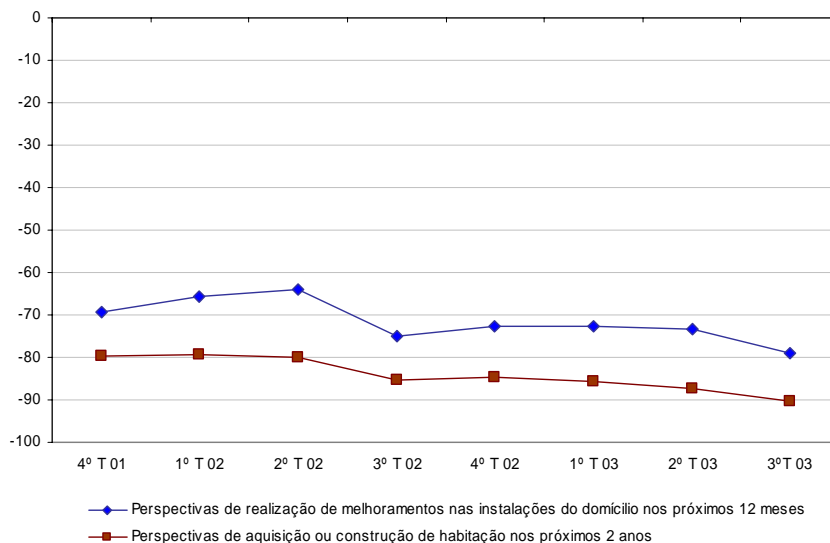
Na Região de Lisboa e Vale do Tejo registaram-se, durante todo o ano de 2002, decréscimos trimestrais homólogos do número total de licenças de construção concedidas, situação esta só invertida no início do ano de 2003 e reforçada no segundo trimestre deste ano.

No entanto, detecta-se na região, no terceiro trimestre de 2003, um momento menos favorável em termos de investimento em construção. Com efeito, neste trimestre, os números de licenças concedidas, quer para habitação, quer para outros fins registaram acréscimos homólogos consideravelmente inferiores aos assinalados no trimestre anterior.

O número total de licenças de construção concedidas evidenciou, no terceiro trimestre de 2003, um aumento homólogo de 1,3%, que correspondeu, contudo, a uma desaceleração do crescimento homólogo, dado esse acréscimo ter sido consideravelmente inferior ao assinalado no trimestre anterior (11,1%). Para esta situação contribuiu fundamentalmente o decréscimo homólogo do número de licenças para habitação, que representam cerca de 80% do total.

## Sensor E . 2 - Investimento – Inquérito de Conjuntura aos Consumidores

Inquérito de Conjuntura aos Consumidores da Região de Lisboa e Vale do Tejo- Opiniões (Saldo de Respostas Extremas <sup>(a)</sup> )



Fonte: INE, Boletins Trimestrais de Estatística da Região de Lisboa e Vale do Tejo, 3º Trimestre de 2003 e 4º Trimestre de 2002

Nota: (a) SRE – Saldo de Respostas Extremas – corresponde à diferença ponderada entre o conjunto de respostas de natureza positiva com as de natureza negativa

### E. Investimento em Construção

#### E.2. – Investimento - Inquérito de Conjuntura aos Consumidores

As opiniões dos consumidores na Região de Lisboa e Vale do Tejo quer face às perspectivas de realização de melhoramentos nas instalações do domicílio nos 12 meses seguintes à inquirição, quer face às perspectivas de aquisição ou construção de habitação nos próximos 2 anos agravaram-se desde o quarto trimestre de 2001 até ao terceiro trimestre de 2003. Com efeito, no terceiro trimestre de 2003 atingiu-se o maior nível de pessimismo dos últimos cinco anos no que toca a ambas as perspectivas.

## Comentário Final

Os sensores relativos à expansão empresarial (Instalação de Novos Contadores, Não Domésticos, da EPAL e Consumo Empresarial de Água) sugerem uma tendência de retracção no concelho de Lisboa que englobou todo o ano 2000 e o primeiro trimestre de 2001, sendo assinalada uma fase de retoma, desde o 2º trimestre de 2001 até ao 2º trimestre de 2003, visível, sobretudo, ao nível dos valores de consumo de água do comércio/indústria.

Os sensores de Consumo Privado (Indicador de Confiança dos Consumidores: Opiniões face à Conjuntura e Perspectivas de Consumo) registam evoluções descendentes. O nível de confiança dos consumidores da região de Lisboa e Vale do Tejo aponta para um agravamento na confiança dos consumidores até ao primeiro trimestre de 2003, sendo este justificado por opiniões mais pessimistas em relação às perspectivas relativas à evolução do desemprego, à de realização de poupança, à situação económica geral do país e à situação do agregado familiar nos próximos 12 meses.

A partir do 2º trimestre de 2003, os consumidores da Região evidenciaram menor pessimismo, resultado de opiniões mais favoráveis face à evolução da situação económica geral do país e do desemprego nos próximos 12 meses. Paralelamente, assinalou-se um agravamento da relutância dos consumidores da Região face à oportunidade de compra de bens duradouros, o que contribuiu para que, no 3º trimestre de 2003, se tenha atingido o valor mínimo dos últimos 5 anos.

Os sensores relativos ao Emprego (População Activa e População Empregada e Emprego por Ramos de Actividade) apontam para uma diminuição do emprego da região, em termos homólogos, evolução esta assinalada em ambos os sexos.

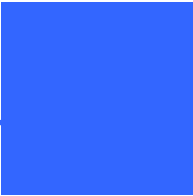
O emprego da Região de Lisboa e Vale do Tejo, por ramos de actividade, apresentou comportamentos distintos no terceiro trimestre de 2003, tendo sido o ramo dos serviços o único a demonstrar um aumento do emprego face ao mesmo período do ano anterior (reforçando-se a tendência ascendente iniciada no primeiro trimestre de 2003).

Os sensores de Comércio Internacional (Exportações e Importações Intra e Extra UE15, Exportações dos principais produtos e Importações dos principais produtos) apresentam uma tendência decrescente dos fluxos de entrada e de saída no comércio intracomunitário. Por oposição, as importações extracomunitárias reforçaram a sua tendência crescente tendo registado, no 2º trimestre de 2003, uma variação homóloga positiva.

As exportações dos principais produtos da Região de Lisboa e Vale do Tejo, veículos e outro material de transporte, máquinas e aparelhos, metais comuns, químicas e produtos alimentares, registaram, no segundo trimestre de 2003, variações homólogas negativas. Paralelamente, também as importações dos principais produtos da região, com excepção dos produtos agrícolas, registaram no segundo trimestre de 2003, variações homólogas negativas.

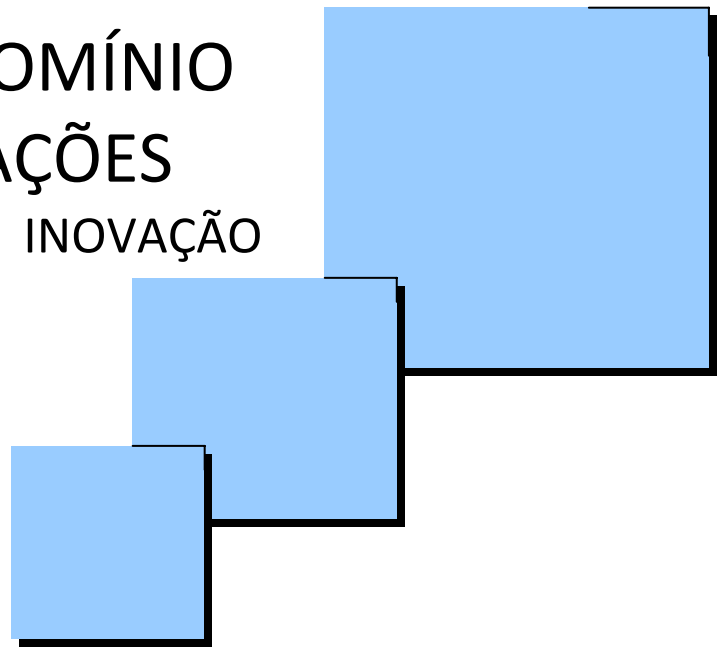


---



Os sensores de investimento em construção (Licenças de Construção Concedidas e Inquérito de Conjuntura aos Consumidores da região) registaram, na Região de Lisboa e Vale do Tejo, durante todo o ano de 2002, decréscimos trimestrais homólogos do número total de licenças de construção concedidas, situação esta, só invertida no início do ano de 2003. Por outro lado, observa-se que as opiniões dos consumidores na Região de Lisboa e Vale do Tejo quer face às perspectivas de realização de melhoramentos nas instalações do domicílio nos próximos 12 meses, quer face às perspectivas de aquisição ou construção de habitação nos próximos 2 anos se agravaram, desde o quarto trimestre de 2001 até ao terceiro trimestre de 2003, tendo-se atingido o nível de pessimismo mais baixo dos últimos cinco anos no que toca a ambas as perspectivas.

DOMÍNIO  
ORGANIZAÇÕES  
INOVAÇÃO



## Nota Metodológica

Nesta primeira fase, foi possível considerar os seguintes sensores no domínio de monitorização “Organizações-Inovação”:

### A - NETCabo

- Sensor A . 1. - Evolução no número de acessos – mercado residencial
- Sensor A . 2. - Evolução no número de acessos – mercado profissional

### B – TagusPark

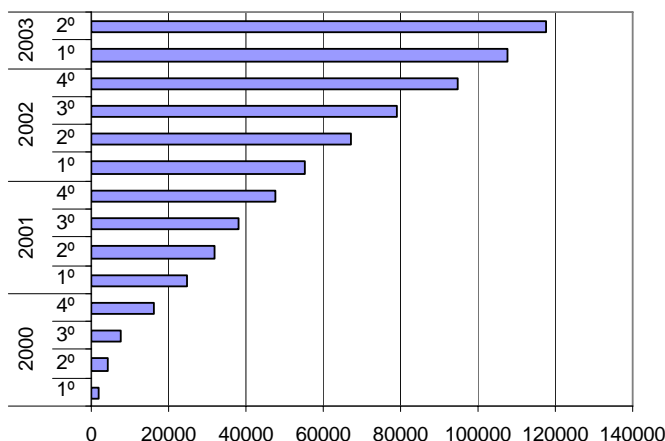
- Sensor B . 1, - Número de pedidos de novas entradas no Parque

Os sensores baseiam-se ou em informação disponibilizada por trimestre ou em informação que ainda anual ou semestral tem um carácter de antecipação relativamente às dimensões em análise no domínio da Inovação.

# Sensor A . 1 - NetCabo: Evolução no número de acessos – mercado residencial

## Evolução regional

Acessos Internet Net Cabo - Mercado Residencial



## A. NETCabo

### A.1. – Evolução no número de acessos – mercado residencial

Verifica-se uma evolução significativa na penetração dos acessos internet no mercado residencial i.e. internet no domicílio da população regional.

A evolução por concelhos mostra que concelhos com uma evolução rápida em 2000 e 2001 como por exemplo Lisboa, Cascais, Amadora, Odivelas, Setúbal, Almada, Barreiro e Loures conhecem em 2002 e 2003 um crescimento mais moderado.

Ao contrário os concelhos mais afastados de Lisboa, estão em 2002e 2003 a crescer mais rapidamente que o concelho de Lisboa, como é o caso do Entroncamento, Torres Novas, Abrantes, etc.

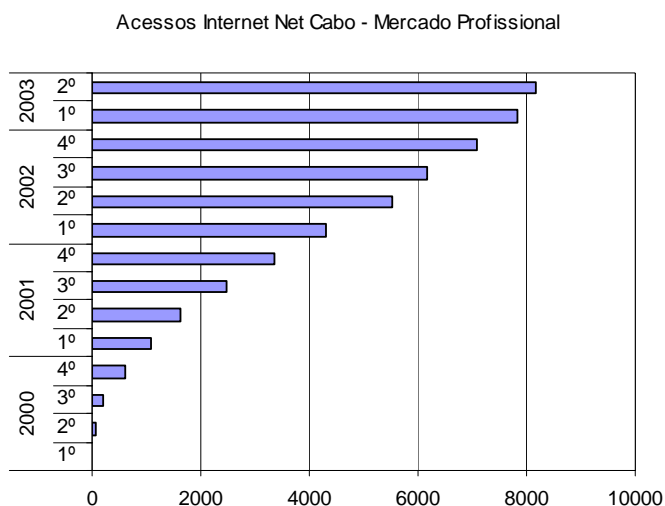
## Evolução por concelhos

	2000				2001				2002				2003	
	2º	3º	4º	1º	2º	3º	4º	1º	2º	3º	4º	1º	2º	
Lisboa	22,5%	51,5%	113,9%	57,6%	24,2%	17,0%	18,4%	14,3%	18,9%	10,8%	15,1%	10,5%	7,4%	
Amadora	54,3%	50,0%	104,8%	37,5%	123,4%	21,0%	32,0%	14,4%	30,4%	14,5%	19,0%	15,0%	8,4%	
Cascais	70,9%	345,8%	149,9%	39,2%	16,1%	12,8%	13,8%	16,0%	17,7%	14,6%	16,0%	12,4%	10,4%	
Loures	80,1%	11,1%	44,2%	39,6%	9,8%	6,7%	26,3%	56,0%	41,4%	42,7%	24,0%	12,8%	11,0%	
Odivelas	71,4%	25,0%	165,0%	82,4%	13,1%	9,8%	189,2%	85,2%	35,3%	27,7%	35,7%	21,8%	10,3%	
Oeiras	88,9%	46,1%	91,9%	32,2%	14,1%	17,3%	21,3%	10,4%	18,3%	9,4%	12,5%	8,7%	6,6%	
Sintra	316,5%	28,9%	92,3%	39,7%	34,8%	42,7%	30,8%	17,5%	17,4%	17,4%	23,1%	17,0%	10,8%	
Alcanena														
Alcoçaba														
Bombarral														
Caxubal														
Caldas da Rainha														
Charnusca														
Constância														
Entroncamento											177,8%	98,0%	35,4%	
Ferreira do Zêzere														
Golegã														
Nazare														
Óbidos														
Ourém														
Peniche														
Tomar														
Torres Novas											88,6%	40,9%	20,4%	
Vila Nova de Barquinha														
Alenquer												58,7%	52,9%	
Abrantes														
Alcochete											307,1%	49,1%	28,2%	
Almada			132,4%	70,6%	65,1%	15,4%	19,4%	6,4%	13,0%	31,7%	18,1%	13,7%	10,0%	
Almeirim														
Alpiarça														
Amadora dos Virhos														
Azambuja														
Barreiro			151,6%	71,3%	15,1%	9,3%	5,3%	27,3%	36,6%	23,5%	12,0%	10,9%		
Benafente														
Cataxó														
Couche														
Lourinhã														
Mafra														
Mãta				753,8%	45,0%	5,0%	31,4%	21,6%	64,4%	81,3%	43,5%	31,3%	15,6%	
Montijo				541,7%	54,6%	42,0%	18,3%	8,0%	15,3%	81,5%	27,2%	17,6%	16,9%	
Palmela											121,5%	27,8%	14,5%	
Rio Maior														
Salvaterra de Magos														
Santarém								125,0%	72,2%	30,3%	36,6%	22,5%	10,1%	
Sarcel														
Savel			472,9%	66,1%	47,2%	17,5%	18,3%	6,4%	12,9%	19,1%	18,2%	13,9%	10,3%	
Sesimbra														
Setúbal				43,0%	121,1%	37,6%	49,8%	60,9%	31,9%	28,2%	16,5%	13,3%		
Sobral de Monte Agraço														
Torres Vedras														
Vila Franca de Xira								39,6%	25,2%	37,2%	35,8%	20,0%	20,5%	

maior 66% 33% e 66% menor 33%

## Sensor A.2 - NetCabo: Evolução no número de acessos – mercado profissional

### Evolução regional



### A. NETCabo

#### A.2. – Evolução no número de acessos – mercado profissional

Verifica-se uma evolução significativa na penetração dos acessos internet no mercado profissional i.e. internet nas empresas

A evolução por concelhos mostra que concelhos com uma evolução rápida em 2000 e 2001 como por exemplo Lisboa, Cascais, Amadora, Oeiras, Sintra Barreiro, Almada conhecem em 2002 2003 um crescimento mais moderado.

### Evolução por concelhos

	2000		2001		2002		2003							
	3º	4º	1º	2º	3º	4º	1º	2º						
Lisboa	339,9%	142,1%	71,0%	44,2%	50,9%	33,2%	23,6%	22,4%	8,3%	10,3%	7,0%	3,0%		
Amadora	500,0%	125,0%	144,4%	74,2%	47,8%	30,6%	26,1%	8,2%	10,9%	19,3%	6,7%			
Cascais	600,0%	85,7%	60,7%	45,7%	29,6%	23,7%	22,3%	10,8%	11,4%	10,9%	4,8%			
Loares			25,0%	46,7%	36,4%	86,7%	44,6%	19,8%	25,8%	11,5%	15,4%			
Odivelas			100,0%	33,3%	81,3%	117,2%	66,7%	29,5%	13,2%	19,5%	9,8%			
Oeiras	92,9%	155,6%	91,3%	50,0%	39,9%	41,5%	25,5%	33,9%	9,3%	9,2%	8,1%	-0,1%		
Sintra	125,0%	233,3%	103,7%	45,2%	74,4%	43,9%	31,0%	28,4%	16,8%	19,8%	15,0%	7,8%		
Alcanena														
Alcoçaba														
Bombarral														
Caculal														
Caldas da Rainha														
Charnusca														
Constância														
Entroncamento									100,0%	50,0%	33,3%			
Ferreira do Zêzere														
Golegã														
Nazaré														
Óbidos														
Ourém														
Peniche														
Tomar									0,0%	100,0%	0,0%			
Torres Novas									0,0%	0,0%	0,0%			
Vila Nova da Barquinha														
Alequer														
Abrantes														
Alcochete									0,0%	300,0%	75,0%			
Almada	500,0%	125,0%	55,6%	9,5%	28,3%	76,3%	110,6%	23,7%	22,5%	13,6%	-5,0%			
Almeirim														
Alpiarça														
Amadora dos Virhos														
Azambuja														
Barcelos			200,0%	33,3%	125,0%	11,1%	50,0%	66,7%	16,0%	96,6%	17,5%	-6,0%		
Benavente														
Carcaxo														
Coruche														
Lourinhã														
Mafra														
Mita									50,0%	66,7%	80,0%	55,6%	7,1%	
Montijo									33,3%	75,0%	85,7%	84,6%	12,5%	
Palmeira										100,0%			0,0%	
Rio Maior														
Salvaterra de Magos														
Santarém									150,0%	20,0%	33,3%	37,5%	9,1%	
Sardal														
Seixal			150,0%	20,0%	66,7%	60,0%	125,0%	83,3%	21,2%	51,3%	21,5%	12,2%		
Sesimbra														
Setúbal									1100,0%	133,3%	82,1%	111,8%	36,1%	14,3%
Sobral de Monte Agraço														
Torres Vedras														
Vila Franca de Xira									500,0%	133,3%	28,6%	92,6%	35,6%	17,0%

Setúbal no que respeita ao crescimento de acessos NetCabo para empresas parece ter começado a crescer significativamente no período 2001-2002, tendo abrandado o crescimento em 2003

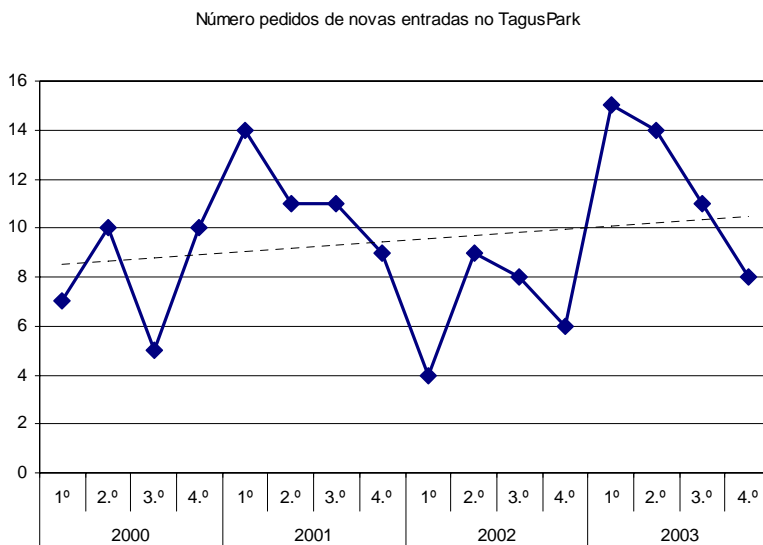
O mesmo parece ser o caso de Odivelas que cresce significativamente no período 2001-2002

Os concelhos mais afastados de Lisboa, estão em 2002 2003 a crescer mais rapidamente que o concelho de Lisboa, como é o caso do Entroncamento, Tomar, Torres Novas, Abrantes, Vila, Franca de Xira, etc.

maior 66% 33% e 66% menor 33% diminuição

## Sensor B . 1 - TagusPark : número pedidos de novas entradas no Parque

### Evolução regional



### B. TagusPark

#### B.1. Número pedidos de novas entradas no Parque

Este sensor pretende ilustrar a variação regional no domínio da transferência de tecnologia. Os pedidos de entrada de novas empresas no perímetro do TagusPark (Oeiras) são tomados como um indicador aproximado da criação de novas empresas de base tecnológica na Região.

A procura de instalações no TagusPark, mostra alguma variação sazonal. O primeiro e segundo trimestres têm sempre maior procura que o terceiro e quarto trimestres.

No período em causa a procura tem sido sempre crescente, tendo passado de 8 empresas por trimestre para 10 empresas por trimestre.

## Comentário Final

A dimensão *Organizações-Inovação* ao nível do Relatório dos Sensores, decidiu centrar a sua atenção nas dinâmicas da difusão de tecnologia e da criação de novas empresas, através da análise da evolução da adesão a acessos Internet e pedidos de entrada no maior parque científico e tecnológico da Região.

Verifica-se uma evolução muito significativa na penetração dos Acessos Internet, quer no mercado profissional i.e. internet nas empresas, quer no mercado residencial, i.e. internet nos lares. Isso significa que a adesão da população da Região às novas tecnologias está em pleno crescimento. Nota-se ainda uma certa diferenciação sub-regional no crescimento. Enquanto numa primeira fase era o concelho de Lisboa que apresentava taxas de crescimento de penetração de acessos Internet elevadas, numa segunda fase (2002 e 2003) o concelho de Lisboa está a ficar saturado e são os concelhos mais afastados de Lisboa, que estão crescer mais rapidamente.

No que respeita aos pedidos de entrada de novas empresas no perímetro do TagusPark (Oeiras) enquanto indicador aproximado da criação de novas empresas de base tecnológica na Região, ilustrando a actividade regional no domínio da transferência de conhecimentos científicos e tecnológicos para o mundo dos negócios, nota-se um crescimento lento mas constante no período em causa. Isto pode ser tomado como indicativo da forte procura de espaços para lançamento de empresas desta natureza.

Chama-se a atenção para as limitações inerentes a estes indicadores. Não nos é possível concluir se as variações detectadas nos sensores são facto uma resposta da Região à sua frágil situação no domínio da Inovação que decorre das políticas nacionais e regionais nesta área, ou se resultam da natural evolução económica e social da Região.